

# ESTRANHOS ENTRE NÓS

Histórias de vidas sem ~~Deus~~



# ESTRANHOS ENTRE NÓS

Histórias de vidas sem ~~Deus~~



Alexandre Arruda, Camila Pusiol, Julia Araujo,  
Leonardo Pimentel e Yago Rossetto

# ESTRANHOS ENTRE NÓS

Histórias de vidas sem ~~Deus~~

Livro-reportagem apresentado em cumprimento parcial  
às exigências da disciplina Laboratório de Livro-reportagem,  
do curso de Jornalismo da Universidade São Judas,  
para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profª Ms. Patrícia Paixão

**Universidade São Judas**  
Jornalismo  
São Paulo, 2019

## **Chanceler**

Dr. Ozires Silva

## **Reitor**

Marcelo Henrik

## **Coordenadora dos cursos de JO/ PP/ RTV/ RP/ Cinema e Audiovisual**

Profª Dra. Jaqueline Lemos

## **Projeto Experimental em Jornalismo –Turma JOR5AN-BUA**

### **Orientação:**

Profª Ms. Patrícia Paixão

### **Equipe:**

Alexandre Arruda | 81616573

Camila Pusiol | 8162259560

Julia Araujo | 81612228

Leonardo Pimentel | 816119308

Yago Rossetto | 816120028

### **Projeto Gráfico e Diagramação:**

Alexandre Arruda

### **Revisão:**

Vanessa Muniz

## FICHA CATALOGRÁFICA

ARRUDA, Alexandre; PUSIOL, Camila; ARAUJO, Julia; PIMENTEL, Leonardo; ROSSETTO, Yago.

Estranhos Entre Nós – Histórias de vidas sem Deus – 2019

Projeto experimental em jornalismo literário/(bacharelado em Jornalismo)/ Universidade São Judas

Orientadora: Profª Ms. Patrícia Paixão

1. Perfil 2. Ateísmo 3. Agnosticismo 4. Religião

# SUMÁRIO

Agradecimentos.....	9
Introdução.....	10
Brummel Marigliano: A ovelha negra .....	12
<i>A infância e a família</i> .....	16
<i>O autodescobrimento</i> .....	19
<i>A luta contra os preconceitos</i> .....	21
João Alves: O bom samaritano é ateu.....	32
<i>Os projetos sociais</i> .....	38
<i>A infância religiosa</i> .....	41
<i>O amor como doutrina</i> .....	49
Lia Cotrim: Jovem, atea e aberta ao conhecimento ....	54
<i>A herança familiar</i> .....	59
<i>A umbanda como divisor de águas</i> .....	63
<i>A racionalidade como forma de conhecimento</i> .....	68
Virginia Rowlands: Atea, madura e rebelde!.....	74
<i>As raízes de uma vida sem Deus</i> .....	80
<i>Literatura sagrada: O WhatsApp de Jesus</i> .....	85
<i>Justiça divina: uma tremenda bobagem</i> .....	88
Edmar Luz: Político e ateu .....	94
<i>Da convicção à militância</i> .....	101
<i>O início da vida política</i> .....	105
<i>Além da política</i> .....	112



# AGRADECIMENTOS

Mais uma etapa se encerra e queremos agradecer à Universidade São Judas e a todo seu corpo docente, além da direção, administração e funcionários, que nos proporcionaram as condições necessárias para que chegássemos até aqui.

À nossa querida orientadora Patrícia Paixão, por todo empenho, dedicação e paciência, além de toda ajuda ofertada para dar vida a este projeto.

Aos nossos pais, irmãos e familiares, por todo amor, apoio e carinho que nos concederam durante essa árdua jornada, além de toda paciência, educação e ensinamentos que, com certeza, levaremos conosco até o fim de nossas vidas.

Aos nossos amigos e namorados, por todo incentivo, auxílio e compreensão.

Às nossas fontes e personagens pelas entrevistas concedidas e por aceitarem participar de um projeto tão subjetivo, singular e pessoal.

Por fim, queremos agradecer também a todos aqueles que contribuíram para a realização deste trabalho, seja de forma direta ou indireta. A essas pessoas, gostaríamos de deixar registrado aqui o nosso mais sincero obrigado!

Esperamos que este seja apenas o início da nossa trajetória no Jornalismo. Estamos confiantes nesse propósito.

Com afeto,

Alexandre Arruda, Camila Pusiol, Julia Araujo, Leonardo Pimentel e Yago Rossetto.

# INTRODUÇÃO

Existe ou não uma única verdade? Religião define caráter? O que é sagrado e o que é profano? Essas e outras perguntas foram respondidas na obra *Estranhos Entre Nós: Histórias de vidas sem Deus*. Nela, os autores compartilham com o leitor a trajetória e os pontos de vistas de pessoas que são ateias, agnósticas, agnósticas teístas e agnósticas ateístas.

A temática da não religião foi escolhida após muitas dúvidas e reflexões, porém, no final, os autores resolveram deixar de lado o conforto e a bolha em que viviam para investigarem um assunto que pouco aparece na grande mídia ou em projetos acadêmicos. Foi uma caminhada árdua, mas gratificante, que fez com que os autores se questionassem e repensassem sobre suas próprias escolhas de vida.

Em meio a essa jornada de respeito e descobrimentos, uma das etapas que demandou maior reflexão do grupo foi em relação à grafia do substantivo Deus nessa obra. Os autores se questionaram se essa palavra deveria ser escrita com a inicial maiúscula ou minúscula, uma vez que, apesar de estarem contando histórias de pessoas descrentes, boa parte do grupo acredita na existência divina, com exceção do autor Alexandre Arruda, que durante este processo se descobriu agnóstico.

Após muitas conversas, foi decidido que quando o grupo fosse usar algo dito pelo perfilado seria utilizada a inicial minúscula (em respeito às suas ideologias e escolhas). Por outro lado, quando o texto trouxesse algo escrito pelos próprios autores seria utilizada a inicial em maiúscula, respeitando a crença dos escritores.

Por fim, uma das maiores surpresas do grupo foi perceber a amplitude da não religião. Atualmente, existem diversas categorias de grupos não religiosos e algumas delas são citadas nessa obra. Por isso, enquanto o texto era escrito, buscamos conhecer

a fundo esses grupos. Os **ateus** são aqueles que não creem em nenhuma divindade. Já os agnósticos são as pessoas que não acreditam e nem negam a existência de deuses. Essa categoria se subdivide em **agnósticos teístas** que creem na existência de uma ou mais divindades, mas acreditam que é impossível provar que elas, de fato, existam, e os **agnósticos ateístas** que são aqueles que não creem na existência de nenhum Deus, mas ao mesmo tempo, não podem provar sua não existência.

Esperamos que com essa breve descrição o leitor possa compreender o posicionamento de nossos perfilados. Desejamos a todos uma ótima leitura!

**BRUMMEL MARIGLIANO:  
A OVELHA NEGRA**

Alexandre Arruda

*“Eu imagino deus como o acaso que acaba  
tornando tudo possível”*



O Brasil é um dos países que mais mata por preconceito, inclusive, é o primeiro quando se fala em morte de pessoas LGBT's ao redor do mundo. De acordo com o levantamento feito pelo Grupo Gay da Bahia, o país registrou 445 casos de assassinatos de homossexuais em 2017, sendo o principal motivo dessas mortes, o preconceito. Mesmo assim, para o jovem Brummel Mariigliano, foi mais fácil “sair do armário” como gay do que agnóstico.

– Dá pra evitar algumas situações bem chatas, se eu não contar que sou agnóstico – explica.

Brummel tem 23 anos. Nasceu e mora em Osasco, município da Grande São Paulo. É agnóstico teísta. Trabalha com estatística para uma ONG e estuda Matemática na Universidade de São Paulo (USP). É um menino alto, de 1,80m, pele branca, cabelos pretos, magro e que, mesmo com uma rotina agitada, está sempre com a barba bem feita e o com o topete arrumado.

Ele levanta cedo todos os dias, por volta das 6h30, saindo muitas vezes, inclusive, sem tomar café, pois entra às 9h no trabalho, em Santana, na zona norte de São Paulo. Quando não tem muita demanda, o chefe o libera às 17h30, o que lhe permite fazer uma janta rápida, antes de ir para a faculdade, onde fica até as 22h50. Depois disso, vai pra casa e descansa para o dia seguinte.

Brummel mora com os pais e seus dois irmãos mais novos, um de 21 anos e o outro de 18. Os dois recentemente se descobriram ateus e, por isso, eles conversam bastante sobre não religião. Mas nem sempre foi assim. O jovem passou boa parte da sua infância indo para

a igreja forçado e, como era uma criança, não questionava. Depois de mais velho, começou a dar a sua opinião a respeito:

– Ah, é um saco ficar sentado aqui. É um saco ficar levantando e sentando toda hora. E é um saco essa gritaria aqui dentro – dizia, referindo-se aos rituais na igreja evangélica que frequentava.

– Você precisa ir para a igreja, porque, caso não vá, vai para o inferno – respondia a família, privando-o de qualquer possível argumento.

O medo de “ir para o inferno” fez com que Brummel deixasse de viver a sua vida, durante um bom tempo. Ele frequentou a igreja até os seus 16 anos, quando começou o seu processo de descoberta como agnóstico.

– Eu não parei de acreditar em deus do nada – explica.

Aos poucos, começou a questionar o poder da igreja, analisar referências históricas e se aprofundar no tema. Tudo isso fez parte do processo que enfraqueceu sua crença no cristianismo. Durante um período de sua vida, começou a pensar no espiritismo como filosofia. Isso foi depois de se descobrir gay. Buscava uma justificativa divina para ser homossexual. Tinha um sentimento de autopunição.

– Por que a minha cruz tem que ser mais pesada que a dos outros? – questionava-se. – Talvez eu não tenha sido uma boa pessoa em outras vidas.

Teve algumas reflexões com pessoas da sua família que são espíritas, mas, no final das contas, percebeu que não era aquilo. Ele não era cristão e não era espírita. Foi aí que começou a ler mais sobre a não religião e se identificou como agnóstico. Apesar disso, ele lembra que só foi falar mesmo sobre agnosticismo por volta dos 20 anos.

## **A INFÂNCIA E A FAMÍLIA**

A infância de Brummel foi bem parecida com a da maioria das crianças nascidas na década de 90. Ele morou em Osasco, município da Grande São Paulo, até os 6 anos, quando a família se mudou para

a cidade de Peruíbe, litoral sul de São Paulo. Lá, viveu em uma rua que não era asfaltada, bem tranquila, tendo a oportunidade de brincar muito e se sujar de terra.

Após estudar até a primeira série – atual segundo ano do Ensino Fundamental –, a família voltou para Osasco, mas dessa vez foram para a casa da avó materna de Brummel, onde ficaram até que ele completasse 12 anos. Depois, mudarem-se da casa da avó para uma casa também em Osasco, onde vivem até hoje. Ele tem uma boa relação com a sua família. Seu pai é uma pessoa mais quieta, diferente da mãe, com quem conversa bastante. Ele também cultivava uma ótima relação com seus dois irmãos mais novos.

– Eu e meus irmãos conversamos muito sobre tudo, inclusive sobre religião. Acho que a gente se ajudou a sair dessa bolha familiar religiosa. Nos descobrimos juntos, em um período de dois a três anos – explica.

O pai de Brummel frequentava esporadicamente a igreja católica, já a mãe nunca foi muito de ir para a igreja, porém sempre teve a sua fé muito guiada pela Bíblia. A família é, em sua maioria, evangélica.

Seus pais, durante a sua infância, se separaram algumas vezes, o que fez com que ele se mudasse nessas ocasiões, mas foi morando com a sua avó que Brummel teve um contato mais intenso com a religião.

– Ela é daquelas idosas que de sete dias na semana vai três à igreja. É bem sagrado para ela – explica.

Durante este período com a avó, Brummel frequentava bastante a igreja. Se naquela época já não gostava, hoje em dia, então, ele nem mesmo entende quem gosta.

– Acho que as pessoas vão mais pelo social, sabe? – fala, lembrando de sua avó.

– Para sermos salvos, para irmos para o céu, a gente não precisa apenas acreditar e conversar com Deus. A gente precisa frequentar a casa de Deus. – dizia sua avó.

E assim ele fazia. Muitas vezes, “forçado”. Passava as mais longas duas horas e meia de seus dias no culto.

– Era um saco, era só pra agradar a minha vó. O pastor sempre passava do horário do culto. A gente ficava lá, levantando e sentando, levantando e sentando, cantando umas músicas ridículas e com um bando de gente mais velha – comenta, ressaltando que, apesar disso, tem grande carinho pela avó, cogitando, às vezes ir à igreja, apenas para fazê-la feliz.

Por conta dessa estrutura familiar religiosa, as orações sempre estiveram presentes. Diversas vezes, na Páscoa e no Natal, eles iam à igreja ou, quando não iam, faziam uma oração onde estivessem. As preces também estavam presentes nas refeições e, às vezes, em momentos aleatórios do dia. Com uma cara de “é, eu tinha que passar por isso”, ele me conta que se sentavam na sala, abaixavam a cabeça, fechavam os olhos, davam as mãos e oravam. Nessas horas ele só fechava o olho e fingia que orava até ouvir o “amém”.

– Eu acredito muito na ideia de que o meio forma o indivíduo. Então, se você cresce em uma família cristã e religiosa, que coloca na sua cabeça desde pequeno que deus existe e que você precisa buscá-lo, você acaba acreditando nisso. Eu busquei referências externas, porque senão até hoje eu estaria indo à igreja, achando que aquilo era o certo.

Para os pais de Brummel, a religião é sobre acreditar e ter fé, mas para a avó, isso é ainda mais intenso, tendo sempre uma resposta religiosa pra tudo, na ponta da língua:

- Tomara que aquele rolê dê certo.
- Pede para Deus que dará.
- Vou ter uma prova hoje.
- Pede para Deus sentar-se ao seu lado.

Ou até mesmo quando qualquer coisa legal acontece. Nesses momentos ela fala que é preciso agradecer a deus porque aquilo só foi possível por causa dele. Quando Brummel passou na USP – e ele se

preparou um bom tempo para passar – isso também aconteceu, mas de uma forma desmotivadora.

– Tira todo o mérito da pessoa falar que foi deus que fez com que ela acertasse as questões e passasse na prova – relata em um tom de desânimo.

No tão falado grupo do *WhatsApp* da família, quando foi dada a notícia, o que mais se lia eram agradecimentos a deus.

– Chegaram a falar para eu fazer uma campanha, ir sete semanas seguidas para a igreja, como um compromisso com deus para agradecer... Ah, vai se foder, mano! – desabafa.

## O AUTODESCOBRIMENTO

No início, surgiu a dúvida: ateu ou agnóstico? Conforme ele foi se aprofundando no tema e, inclusive, nas próprias nomenclaturas, declarou-se como agnóstico. Em seguida, veio outro questionamento: agnóstico teísta ou ateu? Começou a pensar no que acreditava e viu que era teísta, ou seja, acredita em, ao menos, uma divindade. Porém, o conceito de agnóstico, para muitos é confuso, então, ele muitas vezes se define como ateu, para não ter que explicar tudo e porque acha que, em geral, as pessoas não estão sequer abertas a ouvir para entender.

Brummel lembra que quando falou para a mãe que não acreditava em nada, ela disse que pelo menos em deus ele teria que acreditar, porque, para ela, não tem como alguém viver sem fé. Além disso, ela fez um pedido:

– Pelo amor de Deus, você é ateu, mas não conta nada para sua avó – falou, quase que suplicando.

Chega a ser irônico uma pessoa cristã pedir algo para um ateu usando o “pelo amor de deus”, mas assim foi pedido e Brummel concordou. Ele acha que, caso sua avó fique sabendo, das duas uma: ou ela vai chorar muito, ou, ainda pior, é capaz dela passar muito mal, porque isso de alguma forma vai fazê-la se sentir muito ofendida.

O processo de autodescoberta refletiu muito na forma de Brummel agir e de ver o mundo:

– Antes, quando eu fazia uma coisa dita como errada pela igreja, eu ficava com muito peso na consciência, tá ligado? Eu achava que ia ter alguém lá em cima que ia anotar em um caderninho o meu nome e colocar todos os pecados que eu fiz pra depois me foder com isso...

Ele traz uma conexão entre ser agnóstico e gay. Com um conforto na voz, fala da liberdade que o “não acreditar” trouxe a ele, em como se despreendeu do sentimento de culpa e de como antes deixava de fazer muitas coisas por conta da religião.

– Em um primeiro momento, eu não me assumi [como gay], eles descobriram. Eles descobriram quando eu tinha 16 anos – relembra. – Eu deixei o *Facebook* logado e minha mãe leu algumas conversas... Bem, eles não aceitaram muito bem e eu tive que voltar para o armário. Quando eu tinha 18 anos, eu contei. Falei que era aquilo mesmo e que não tinha jeito.

E assim Brummel segue. Apesar de ter quebrado a porta do armário da sexualidade, segue no armário da não religião para metade de sua família, pois teme que isso possa chegar na sua avó e que possa perder laços. Não chega nem a postar sobre isso em suas redes sociais, apenas curte algumas páginas no *Facebook*.

– Eu me descobri gay antes de me descobrir agnóstico... – conta, enquanto mexe inquietamente em seus dedos. – Eu acho que essa descoberta, tem relação com o meu agnosticismo. Eu, por ser gay, sou frequentemente atacado por religiosos. Acho que isso fez com que eu questionasse ainda mais o poder da igreja católica. Quando eu estava me descobrindo, colocaram na minha cabeça que isso era coisa do demônio – conta.

– Eu vivia em uma nuvem de tristeza, beirando a depressão. Isso porque sou viado, sabe? Eu achava aquilo tudo muito errado. Então, tinha aquele sentimento de autopunição, de que eu não conseguiria ser feliz. O que passava na minha cabeça era “mano, eu preciso virar

hétero”. Aí eu comecei a ir à igreja... Não adiantou, né? Pedi, pedi, pedi e não aconteceu porra nenhuma.

Se descobrir gay foi o que mais o influenciou a questionar e se descobrir agnóstico foi o que mais mudou a vida dele. A forma que passou a viver e ver a vida após essas descobertas foi diferente. Ele fala também, que acha sim, que estar fora dos padrões buscados na religião já é um passo dado para deixar de segui-la.

– Já começa que viado, sapatão, travesti e transsexual são praticamente excomungados da igreja, né? – lamenta.

Então, comenta que a pessoa até vai poder ir à igreja, porém será julgada. Apesar de conhecer alguns gays evangélicos e ter uma professora que considera ser hiperfeminista, mas que frequenta a congregação, ele acha estranho uma pessoa seguir algo que não a trata bem ou que não condiz com o que ela acredita, alguém ir por opção própria a um lugar onde não é bem-vindo.

## **A LUTA CONTRA OS PRECONCEITOS**

A adolescência é uma fase em que rolam muitas discussões dentro de casa. Os pais criam os filhos de uma forma, porém eles mesmos começam a se educar e se moldar com fatores externos. É uma etapa de muitos questionamentos. Brummel relata que um certo dia teve uma discussão com a sua mãe, daquelas brigas que começam por alguma besteira e, quando percebemos, já se tornou algo gigante. O motivo? Ele nem mesmo se lembra, mas tem certeza de que não era por ser gay, isso já tinha sido discutido e já não era mais problema. Após essa discussão, chegaram na casa dele: sua prima acompanhada do marido, um homem evangélico e bem religioso. Ao ver que a mãe de Brummel estava chorando, o esposo de sua prima começou uma espécie de exorcismo.

– Ele colocou a mão na minha cabeça e começou a gritar: “Sai! Sai demônio!” – relembra.

A mão na cabeça, de repente, começou a sacolejar, balançando a cabeça de Brummel. Os gritos não paravam. A mãe não fazia nada. A prima não fazia nada. Tudo foi levado com uma estranha naturalidade. Brummel não fazia nada também. Ele nem sequer pensou em pará-lo. Passaram-se cinco minutos naquela cena e Brummel apenas esperando que aquilo acabasse. Cinco longos minutos.

Dentro de casa, já teve diversas discussões com a sua mãe. No início, ele não podia falar que era agnóstico, pois a mãe dava suas percepções de mundo a partir da sua fé e, quando ele dava as suas também, a partir da sua “não fé”, ela pensava que ele estava tentando convertê-la.

– Eu tenho a minha crença e você tem que respeitar – a mãe gritava.

– Eu tô respeitando. Você que não tá respeitando a minha – Brummel respondia no mesmo tom.

Ele comenta que a maioria dessas discussões se dava em torno da Bíblia. A fé da mãe é estruturada nesse livro que é sagrado para os cristãos, só funciona porque ele existe. Para ela, é como se fosse um manual de como viver.

– Ela vinha com alguns argumentos bíblicos e eu rebatia, mas ela se sentia extremamente ofendida, como se eu estivesse questionando a fé dela. Só que eu não estava. Eu estava defendendo o meu ponto de vista, assim como ela – comenta.

Em algumas discussões chegou a, inclusive, usar a própria Bíblia para argumentar.

– Lembro que tirei alguns trechos que defendiam o geocentrismo, a terra no centro do universo. Comecei a questionar e disse que a Bíblia era uma farsa. Eu acho que não tem como você ter um livro que foi escrito cada parte em uma época e você absorver os valores daquela época. Conforme passa o tempo, os valores e a cultura vão mudando, porém a Bíblia não acompanha isso, sem contar que tem muitos pontos que foram escritos com interesses pessoais – comenta.

– Além disso, quando sabem que você não acredita em deus, qualquer merda que acontece na sua vida é vista como castigo. Até mesmo a depressão, que é vista por muitos como falta de deus.

Em relação ao restante da família, as coisas também não foram sutis. Tudo se acentuou, principalmente, durante o período das eleições presidenciais. Já começa pelo fato de, na época, a família ser toda a favor do Bolsonaro (eleito em 2018 para a Presidência da República, com uma plataforma bastante conservadora, alinhada a setores religiosos, como a bancada evangélica do Congresso Nacional), com exceção de Brummel, seus irmãos e sua mãe. Eram comuns conversas como: “Como assim você é crente e não vai votar no Bolsonaro?” “Você vai votar a favor da ditadura?” (referindo-se ao Partido dos Trabalhadores).

Primeiro começaram as fofocas, que aconteciam como um telefone sem fio. Falavam que ele ser gay e ateu era culpa da má educação que sua mãe deu.

– O que é bem machista, né? A culpa de eu ser ateu e viado é pela educação que ela me deu. Falavam que eu ser gay era por falta de deus e que eu era um mau elemento. Me chamavam de maconheiro, porque eles sabem que eu fumo maconha, e aí já começam todos os tabus possíveis – relembra.

Depois das fofocas, começou a acontecer uma segregação. A família toda, com exceção do irmão que é heterossexual, parou de ser convidada para as festas. Eles só ficavam sabendo depois, quando viam alguma foto nas redes sociais, porém, ele comenta em um tom mais ácido, que quando a festa era na casa deles, todos apareciam como se nada estivesse acontecendo.

– Eles chamam meu irmão porque ele é hétero, nem devem saber que ele é agnóstico também. Agora eu sou a ovelha negra da família, porque sou o viado da casa. Eles evitam falar sobre eu ser gay e evitam falar sobre deus quando eu estou. Às vezes, saem alguns comentários e o clima fica bem tenso, mas não chega a rolar discussão – comenta desviando o olhar.

Contudo, apesar de mostrar o lado negativo das religiões, até então na nossa conversa, Brummel comenta, em um tom mais sério, um outro lado:

– Eu acho que a religião conforta. Nesse sistema, a gente tem uma puta de uma vida de merda, tá ligado? Tendo que vender a força de trabalho e tem muita gente que tem, de fato, uma vida bem complicada e só suporta isso tudo, porque acha que quando morrer vai para o paraíso. Às vezes, a religião é necessária – reflete.

Muitas pessoas se apegam à religião para as dificuldades da vida, desde rezar para chegar em um compromisso no horário, até mesmo para um parente melhorar de alguma situação complicada. O contrário também ocorre. As pessoas usam da religião para ter alguém para culpar, quando algo não sai como o esperado. Ou jogar a culpa em um ser maligno, o diabo, ou até mesmo acreditar que aquele era o plano de deus.

– Eu acho foda você não ter a quem culpar. As pessoas precisam mesmo (de religião), porque às vezes elas se veem sozinhas. Acaba sendo um amparo. Quando eu tô mal, eu não recorro a nada e, às vezes, é meio triste isso. Querendo ou não, acho que a religião traz um pouco de suporte emocional, né? Traz muito...

Após uma pausa, ele retoma:

– Tenho medo de perder alguém próximo, porque sei que essa pessoa não vai estar em um lugar melhor. Simplesmente acabou. Nisso, a religião conforta bastante. Eu sempre me perguntava: se deus é bom e ama todo mundo, por que tem tanta gente fodida e tanta gente se dando bem? É muito nada a ver.

E, de repente, um certo tom de indignação foi se mostrando presente na voz dele.

– E aquele bagulho de karma, tipo: “Ah, a justiça de Deus tarda, mas não falha...” Não! Tem gente que morre em uma cama quentinha, confortável, depois de ter fodido a vida de um monte de gente, caralho! Isso não é justo. Isso é foda.

Quando questionado sobre justiça divina, Brummel comenta que as pessoas sempre usam a religião para justificar tudo. Então se alguém, por quem a pessoa religiosa tem algum apreço, supera alguma situação difícil, foi porque ela é uma boa pessoa. O contrário também. Ele começa uma linha de pensamento, com um tom mais sarcástico:

– Aquele cara foi um filho de uma puta comigo, mas agora ele se fodeu, porque ele tá com câncer. Ele tá com câncer, porque ele não era uma boa pessoa...

E após uma pequena pausa, balançando a cabeça conclui:

– Não. Ele não tá com câncer porque ele foi filho da puta com você. Ele tá com câncer, porque ele tem uma certa predisposição genética para ter câncer, ele fez raio x demais, sei lá. As pessoas querem usar a religião para se confortar e acreditar que a justiça foi feita.

Agora, caro leitor, pare por um instante para que façamos uma atividade bastante curiosa: peça para a um cristão (mas precisa ser um que não frequenta a igreja e não tem o hábito de estudar a religião) definir deus. A resposta mais provável será baseada no que ela já ouviu ou viu em algum lugar (televisão, boca a boca etc.). Agora, peça para uma pessoa que acredita no deus cristão e frequenta a igreja defini-lo. A resposta terá ainda mais propriedade e detalhes, será mais rica e, possivelmente, inspiradora. Agora, vamos ainda mais fundo: peça para um agnóstico teísta definir deus. Neste caso, as respostas provavelmente serão bem diversas. Eu, particularmente, não consegui disfarçar a excitação e o brilho nos olhos, enquanto Brummel me definia deus:

– Antes, eu imaginava deus como um ser humano, um homem, porque a gente ouve muito isso de “deus fez o homem à sua imagem”, né? Esse homem eu imaginava sem uma cabeça e bem fodão: onipresente e onipotente. Hoje, eu já não consigo imaginar deus como uma forma consciente... Vamos lá, segue a minha linha de raciocínio: imagine que as coisas são muito prováveis de acontecer, então, se eu posso jogar uma moeda para cima mil vezes, a probabilidade diz que ela vai cair, mais ou menos, 500 vezes cara e 500 vezes coroa. Porém, ela pode cair 999

vezes caras e uma só coroa. Ela pode cair as mil vezes cara. Isso é provável, tá ligado? Dentro de toda essa improbabilidade, que acaba sendo provável, fica tudo na questão do acaso. As coisas só existem hoje do jeito que elas são, porque era tudo improvável, mas ao mesmo tempo era provável, tanto é que aconteceu. Eu acho que essa rede toda é deus. Eu imagino deus como o acaso. Eu imagino deus como o destino. Eu acredito que, na verdade, deus é o acaso que acaba tornando tudo possível.

Hoje em dia, Brummel não fala sobre religião com qualquer pessoa nos seus ambientes sociais. Ele tinha ganhado uma bolsa para um curso de inglês dentro da USP, na faculdade de Educação. Certo dia, saiu da aula, do curso de Matemática, almoçou e foi para a aula de inglês, em uma outra parte do campus.

– Quando eu saía, eu ia a pé até a estação de trem. Não era muita coisa. Nesse caminho, um menino me parou.

Pela roupa que o menino vestia, Brummel acredita que era um estudante de Educação Física, pois o jovem trajava uma bermuda e uma camiseta. Ele começou a conversar, deu uma espécie de introdução e, em seguida, o convidou para um culto de jovens. Chamou-o para conhecer a sede onde aconteciam esses encontros e explicou como eles eram realizados. Era um culto evangélico, só que voltado para jovens. O menino contou também que esses encontros aconteciam no Butantã, zona oeste de São Paulo.

– Ah, eu sou ateu – Brummel respondeu assim que o menino parou de falar.

Brummel comenta que muitas vezes quando ele fala isso, as pessoas aceitam e continuam a conversa normalmente, mas também ocorre o contrário. O menino que até então vibrava alegria, de repente fechou a cara.

– O evangélico, quando tá pregando a palavra de deus, é uma felicidade que não é deles né, vem lá de cima. E de repente, quando eu disse que era ateu, toda essa felicidade foi embora. Ele começou a me olhar com uma cara de nojo – lembra.

– Beleza então. Depois que for para o inferno não adianta reclamar...  
 – Após praguejar isto para Brummel, o rapaz se virou e saiu andando.

Brummel lembra que, depois disso, colocou seus fones de ouvido e retomou o seu caminho. Não teve medo do menino. Apenas tentou ignorar o que tinha acabado de acontecer. Ele, que já não era de conversar muito na faculdade, hoje, conversa ainda menos.

Já no seu trabalho, um lugar frequentado em sua maioria por pessoas da umbanda, ele teme que, caso saibam que é agnóstico, as pessoas passem a agir diferente com ele. Na verdade, para ele, este é o maior desafio: quando você não consegue falar abertamente sobre quem você é.

– Se você não se sente confortável, já é um preconceito. Se você acha que vai ser tratado diferente, já é um preconceito. Vivemos em uma sociedade majoritariamente cristã, na qual o ateu é tido como pertencente ao demônio.

Ele comenta que, onde trabalha, frequentemente as pessoas entram em assunto de astrologia. Comparam mapas astrais, justificam comportamento por signo e, apesar de ele não acreditar, acaba entrando na brincadeira para não ficar de fora. Um caso mais específico que me contou foi no dia de Cosme e Damião. A mulher que faz o almoço no seu trabalho fez um bolo para Cosme e Damião. As pessoas levaram doces e começaram a falar com voz de criança. Falavam que o seus Erês – seres espirituais infantil que encarnam nas pessoas – queriam doces.

– Eu acho que isso funciona como um efeito placebo – comenta. – A pessoa acredita naquilo, então acha que aquilo está encarnando nela. Meu, imagina falar que sou ateu para essas pessoas que acreditam nisso com todas as forças. Elas se sentiriam bem ofendidas e certamente mudariam comigo.

Sobre ser gay e agnóstico, questiono qual “armário”, para Brummel, é o mais difícil de sair. Ele não consegue chegar a uma resposta.

– São preconceitos muito diferentes – reflete.

Para muitas pessoas, é fácil esconder a sexualidade, mas não é algo que ele faria hoje. Já o fato de ser agnóstico, vê como algo que dá para esconder. Ele sabe que, caso conte, não vai ser automaticamente excluído das coisas ou deixado de lado, mas sim que muitas pessoas acham ruim e se sentem ofendidas. Ele prefere mascarar uma parte da sua identidade a troco de não deixar o clima chato.

Isso se mostra claro quando ele fala sobre suas redes sociais. No dia de uma de nossas conversas, ele tinha postado uma foto do livro que estava lendo nos seus stories do Instagram, com o trecho abaixo circulado e uma frase sublinhada de caneta vermelha:

***“Homem de outro homem – as relações de vassalagem***

*Um homem ajoelha-se na frente de outro homem, une as duas mãos e as coloca nas mãos daquele que está em pé à sua frente. Enquanto isso acontece, o primeiro diz algumas palavras e se reconhece como o “homem” de outro homem. Depois, beijam-se na boca e estabelece-se um acordo e uma amizade para toda a vida. Após esta união por assim dizer “civil”, o primeiro homem jurava sobre os Evangelhos ser fiel ao segundo, também por toda sua existência.”*

No canto superior direito ele escreveu: “Você aí achando que a igreja nunca gostou de beijo gay”. Antes de nos encontrarmos, eu tinha tirado uma captura de tela, e, assim que ele tocou no assunto redes sociais, perguntei:

– Já que você fala que não posta sobre religião nas redes sociais, por que postou aquela foto? (Eu e Brummel nos conhecemos há alguns anos por conta de amigos em comum nas redes sociais, trocamos frequentemente reações em posts do *Facebook*, então me senti confortável em fazer uma pergunta mais direta). Ele me respondeu:

– Você não vai ver um *post* meu falando que sou ateu ou agnóstico, isso eu não posto. Na verdade, esse trecho eu postei pra arrumar confusão. Todo *post* meu sobre política, atacando o atual governo ou o Bolsonaro, vai ser pra atacar minha família – comenta dando uma risada. – Eu sei que eles não vão me falar nada, na real, acho até que alguns se arrependeram de ter votado nele, mas eu posto pra isso.

Ainda sobre o livro, ele me conta que esses votos feitos, era uma espécie de casamento, tendo o beijo entre dois homens reconhecido pela igreja como algo constitucional, o que não acontece atualmente.

Hoje, a mãe de Brummel entende e aceita muito bem sua posição. Mesmo assim, às vezes, acontecem casos, como um recente no trânsito: ele estava indo para academia com sua mãe, ele no banco do passageiro e ela dirigindo. Os vidros estavam abaixados. Era tarde. Uma mulher imigrante do Chile chegou na janela e perguntou se podia fazer uma oração para os dois. Ele respondeu que não, que não gostava dessas coisas. Em seguida, a mulher disse que tinha alguns livros para vender.

– Não, a gente não tem interesse. Já temos bastante livros em casa – Brummel respondeu curto e grosso.

– Desculpa, moça. É que ele é ateu – interveio a mãe, muito sem graça e envergonhada.

– Não tem problema, minha irmã também é, eu entendo – a imigrante falou.

Após o diálogo, a mãe comprou o livro da imigrante, guardou-o em casa e nunca mais o pegou. Comprou por que então? Porque ficou sem graça. Sem graça por ter que falar que seu filho é ateu para uma religiosa. Sem graça por seu filho ter sido muito direto na resposta. Sem graça, porque não sabia qual seria a reação da mulher, que claramente era bastante religiosa. A imigrante? Nem se incomodou, agiu naturalmente.

– É muito comum as pessoas chegarem te oferecendo orações. Em Osasco, tem um McDonald's que costumo ir e lá isso acontece direto. Se você fala que não quer de uma forma educada, a pessoa fica insistindo. Então eu já falo direto que não gosto, para evitar prolongar esse diálogo.

Conforme diversos assuntos surgem na conversa, continuo questionando a mesma coisa: por que a família, tirando a sua avó, não pode saber? Ele então, me fala ainda mais de sua família, de quão religiosa

ela é, e que tem desde pessoas que, apesar de cursarem engenharia, acreditam que a Terra é plana até mesmo gente que acredita que a ciência existe para explicar a Bíblia.

– Família é uma coisa muito louca, né? A gente não escolhe. Vai ter gente que você não gosta, que você não suporta, mas, se essas pessoas precisarem de você, você vai estar lá a qualquer custo. Ao mesmo tempo que você ama a pessoa pela convivência que você tem com ela, você não suporta as ideias dela – reflete.

Além disso, o fato de sua mãe ter apenas um irmão faz com que ele tente não causar nenhum atrito familiar, para não estreitar os laços. Mesmo que sua família seja conservadora demais. Conservadora a ponto de tratarem seus irmãos de forma diferente, por terem tatuagens.

– Ainda bem que você não tem tatuagem. Assim você não vai para o inferno – Brummel chegou a ouvir isso, quando ainda não tinha tatuagem.

– Agora que eu fiz uma garrafa de vinho e uma taça no bíceps ninguém fala nada.

Brummel, mesmo sendo jovem, é um homem bem-resolvido com sua sexualidade, com o que acredita e com o que estuda. Ele tem plena consciência do privilégio social que tem como homem branco, vindo de uma família estável. Mesmo assim, é parte de duas minorias. É gay, no país onde ocorre mais mortes de pessoas LGBT's no mundo, e é agnóstico em um país majoritariamente cristão. É de família religiosa, que tem ideais diferentes dos seus e que não concorda com a sua forma de encarar o mundo. Apesar desses preconceitos diários, consegue viver a sua vida de forma tranquila, sem peso na consciência e feliz. Feliz não só por ter passado, mas por passar até hoje por um processo contínuo de autodescoberta. Feliz por poder ser ele mesmo.



**JOÃO ALVES:  
O BOM SAMARITANO É ATEU**

Camila Pusiol

*“Para mim, deus é uma grande ilusão criada pelo ser humano para viver numa sociedade complexa”*



**S**e um dia você estiver indo de Jerusalém a Jericó e, no caminho, for roubado ou agredido por assaltantes, é melhor torcer para ser encontrado rapidamente por um inimigo religioso e não apenas por ministros e sacerdotes. Ou, pelo menos, é isso que nos conta a parábola do bom samaritano: uma das passagens mais conhecidas da Bíblia, narrada por Jesus no *Evangelho de São Lucas (10: 25-37)*, a fim de ilustrar, aos seus discípulos e seguidores, que a empatia deve ser uma qualidade inerente a todos os seres humanos.

Na história, um judeu é espancado por ladrões que arrancam suas roupas e o deixam na beira da estrada, abandonado para morrer. Por ali, passam primeiramente um sacerdote e um levita – homens sábios e dedicados às leis de Deus – que simplesmente ignoram seus preceitos religiosos e fingem não enxergar aquele homem quase morto. Mas, ironicamente, e para a grande sorte do ferido, o terceiro passante é um samaritano – povo conhecido por ser inimigo religioso dos judeus. O samaritano interrompe sua trajetória, cuida do ferido e o leva até uma hospedaria, pagando sua hospedagem em seguida. Este trecho ficou tão famoso no meio espiritual e religioso, que o termo “bom samaritano” passou a ser associado a pessoas que, de alguma forma, fazem o bem.

É o caso do artista e professor de Teatro, João Paulo Caetano Alves, de 32 anos, que dedica parte da sua vida ao trabalho voluntário em comunidades carentes. Só que, diferentemente do samaritano bíblico (que segue uma religião abraâmica baseada na Torá, a bíblia dos judeus), João é um agnóstico ateu. Isto é, além de não conseguir

provar a existência de um Deus, não acha que seja possível existir um. E é justamente por isso que ele já se acostumou a lidar com o espanto e até mesmo o estranhamento das pessoas.

– Quando você é ateu e se dedica a fazer o bem, você sempre vai estar sujeito a ouvir coisas como “nossa, mas você parece ser tão cristão” ou “você é uma pessoa tão boa, nem parece ser ateu”. Infelizmente, é como se o fato de ser ateu te transformasse, automaticamente, em uma pessoa individualista e materialista – lamenta.

João Paulo Caetano Alves ou “João só João”, como prefere ser chamado, é um homem negro, baixo, calvo, adepto ao boné e de riso fácil. De calça jeans, camisa social amarrotada, pesando 59 kg em 1,57 de altura, o artista se agiganta quando começa falar da própria vida. Durante a nossa conversa, o seu lado artístico aflora e João assume diversos personagens, imitando desde sua mãe até o bispo emérito de Botucatu (cidade localizada no interior de São Paulo, onde passou sua infância). Enquanto toma uma cerveja, João fala pelos cotovelos, brindando-me com respostas completas, indagações filosóficas e mãos que gesticulam sem parar. Nós estamos no Jardim Boa Vista, zona oeste de São Paulo, onde João ajudará a organizar mais uma de suas ações sociais, por isso, vez ou outra, o nosso papo é interrompido por um vizinho que dá uma paradinha para cumprimentar o artista e aproveita para se apresentar. Dessa forma, conheço adultos, crianças, cantores, artistas, fotógrafos e uma galera pra lá de simpática.

– Meus amigos me chamam de Machadinho – diz quando pergunto seu apelido.

Aliás, a história por trás dessa alcunha é um tanto quanto engraçada. Há, mais ou menos, uns sete anos, João se tornou um frequentador assíduo do Bar do Mauro, localizado na rua Cesário Mota, no centro de São Paulo. Certo dia, João estava sentado em uma das mesas do bar, escrevendo em seu caderno enquanto tomava uma cervejinha. Até que aparece o Lino (considerado por ele, como uma das entidades desse boteco). Ao ver João ali, parado, pensativo e escrevendo, Lino falou com uma voz grossa e poética:

– Vejam só, é o novo Machado de Assis.

Desde então, todo mundo chama João de Machadinho.

– Se você chegar no bar e perguntar do João, ninguém sabe quem é, mas se você perguntar “o Machadinho veio aqui hoje?” garanto que todo mundo vai saber te dizer – o artista me conta em meio a calorosas risadas.

De opiniões fortes e bem definidas, Machadinho não escolhe palavras e nem meio termos para expressar seus discursos. As críticas vão da religião ao Estado, passando por ele mesmo, porque a autocrítica é uma forma de não cair na linha tênue do egocentrismo.

– Estou neste mundo para servir e não para me definir – diz simplesmente.

E disso eu não posso discordar. Enquanto batíamos um papo animado, João se desdobrava em três para servir, filmar e fotografar os moradores que vieram prestigiar mais uma edição do Vielada Cultural, projeto social que tem o objetivo de levar uma programação mais cultural e diversificada ao Jardim Boa Vista. Mas apesar da correria daquele dia, João não deixou de responder a nenhuma das minhas perguntas.

Para ele, acreditar ou não em um Deus, por exemplo, tem muito mais a ver com uma obrigação social – imposta por uma comunidade específica – do que com uma questão espiritual, propriamente dita. João acredita que existe um *status quo* social responsável por dizer, a todo instante, que nós precisamos acreditar em alguma coisa. Então, a partir do momento que alguém fala que é ateu ou agnóstico, isso é algo que pesa, principalmente, para os cristãos mais fervorosos que querem te convencer do contrário.

– Eles precisam não só te convencer, mas te converter. Porque, segundo eles, para ser uma pessoa boa, você tem que, pelo menos, acreditar em alguma coisa e não pode, de forma alguma, colocar a existência de deus em xeque – afirma indignado.

## OS PROJETOS SOCIAIS

Ateísta, João se dedica a dois projetos sociais que tentam transformar o entorno de comunidades periféricas: O “Nós na Praça” e o “Vielada Cultural”. O primeiro é um projeto que existe há quase dois anos e se dedica a levar o teatro e a contação de história a cerca de 20 crianças periféricas no bairro do Ipiranga, zona sul de São Paulo. Durante a apresentação, que acontece em um trecho fechado da rua, é possível ver diversas carinhas brilhando em uma plateia improvisada, divertindo-se em meio a sorrisos sinceros e olhares atentos, surpresos com cada desfecho – por mais óbvio e esperado que ele fosse. Esse hábito, além de prazeroso, promove uma série de benefícios para os pequenos, como o desenvolvimento da criatividade e a ampliação do vocabulário.

As crianças começam se reunir na rua ainda pela manhã, para o espetáculo que dura, mais ou menos, até o comecinho da tarde. Os artistas contam em torno de três a quatro histórias por encontro, mas os rostinhos infantis seguem atentos do começo ao fim do espetáculo, agradecidos pelo contato direto com um projeto cultural que está muito longe do cotidiano e do dia a dia comum daquela comunidade. Essas apresentações acontecem, em média, a cada dois meses, mas nem mesmo essa pausa consegue diminuir as expectativas das crianças. Além disso, as reações delas costumam ser bem diferentes das reações apresentadas por crianças que têm acesso constante a teatros ou instituições culturais. Como o Sesc Itaquera, que fica a poucos metros dali.

– Nós, artistas, costumamos brincar dizendo que existem dos tipos de criança: a criança da instituição e a criança marginalizada – afirma João.

Para eles, a criança da instituição é aquela que sempre teve contato com a arte e, por isso, já está acostumada com aquilo e não se encanta mais com as apresentações. Por outro lado, a criança marginalizada é aquela que não está todo domingo vendo uma contação de histórias, por exemplo, que só vê isso uma ou duas vezes no ano, isto é, se ela tiver muita sorte. E, por isso, ela costuma ser ainda mais grata.

– Essa criança tem a possibilidade de olhar para aquilo com mais encantamento, já que, às vezes o nosso olhar se desencanta com vida. A criança periférica, no entanto, ainda não se desencantou com o mundo – garante João.

Por ali, quem se encarrega de chamar as crianças, de porta em porta, é o aposentado Valdir Augusto de Sousa, de 52 anos, mais conhecido como Abelha. Ele me conta que conheceu o João há, mais ou menos, 10 anos, quando o artista ainda frequentava a moradia estudantil da Unesp (Universidade Estadual Paulista), ao lado da casa dele. Foi nessa época que João se formou em Licenciatura de Arte e Teatro, não apenas se aproximando daquela comunidade periférica, bem como comovendo-se com realidade social enfrentada por ela. Segundo Abelha, não existem palavras para descrever o artista.

– Ele é um cara do bem, que merece tudo que conquistou. Afinal, o trabalho que ele faz com este grupo é incrível: as crianças aprendem, se divertem, saem das ruas. Elas estão sempre me perguntando quando vai ter o teatro na rua de novo. Porque, aqui na periferia, as crianças não têm a oportunidade de frequentar um teatro, né? Mas através desse trabalho, elas ganham um incentivo a mais – afirma emocionado.

Além do trabalho social com crianças, João é uma das pessoas que está à frente do Vielada Cultural, um projeto social organizado pelo coletivo *Via La En Close*, do qual ele, voluntariamente, faz parte. Em 2019, o evento promoveu a sua décima quinta edição e foi responsável, entre outras coisas, por levar uma programação cultural e diversificada ao Jardim Boa Vista, bairro esquecido em meio a tantas periferias paulistanas.

– Porque não vir trabalhar nessas comunidades em que a prefeitura não pensou? Em que as igrejas da região estão apenas preocupadas em doutrinar os habitantes? Onde as instituições sociais, nem se quer, tentaram trazer um evento cultural? Eu sempre me pergunto isso: por que não trazer meus esforços e minha arte pra cá, sabe? – me conta.

Para João, a grande motivação para fazer um trabalho voluntário é exatamente essa. Saber que existem lugares que estão pagando seus impostos, que estão sofrendo com necessidades culturais e que não tem nada disso acontecendo ali, para os moradores.

– É por isso que eu venho até aqui, porque eu posso e porque essas pessoas merecem. E isto basta – afirma João, um pouco exaltado. Não comigo e nem com a minha pergunta, mas com as dificuldades enfrentadas por aquele povo.

Aliás, quando chego na André Dias, uma ruazinha escondida, estreita e apertada, na qual o evento irá acontecer e onde combinei de me encontrar com João, sou tomada pelo som bem característico e instrumental do jazz. Fico surpresa ao ver a quantidade de moradores em frente a um palco improvisado, conversando, dançando e interagindo com a banda que ali se apresenta. Aquela comunidade realmente parece estar em festa, ou melhor, parece estar vivendo um verdadeiro evento social, digno de um casamento ou de uma formatura. As crianças correm de um lado para o outro, ajudando nos preparativos e na organização do espetáculo. É ali, em meio àquela baita cerimônia, que João me encontra com um grande sorriso e uma latinha de cerveja na mão.

Em seguida, ele me convida para acompanhá-lo até uma viela enorme.

– Foi aqui que tudo começou – diz, um tanto quanto sorridente.

Dá para perceber: as paredes da viela estão repletas de desenhos, poesias, grafites e mensagens motivacionais. Tudo isso é resultado direto de outras edições do evento, que sempre mobilizou positivamente aquela comunidade. Os moradores hoje escutam, na mesma *playlist*, funk, hip hop, rap, MPB e jazz. Para Machadinho, essa é a melhor parte do evento: saber que eles conseguiram alargar o horizonte cultural daquele lugar.

– Você sabia que ontem morreu um cara aqui? Ele era bem jovem – João me diz de repente, em meio à nossa conversa sobre a realidade social do bairro.

Fico sem saber o que falar, mas acho que ele percebe, porque continua

dizendo que aquele é um dia de festa, mas que a comunidade está em luto. Conversamos então sobre a segurança pública e entramos, inevitavelmente, na questão política. João me conta que no Jardim Boa Vista, a maioria dos moradores são evangélicos e voltaram no Bolsonaro, atual presidente do Brasil, eleito pelo PSL em 2018. Mas segundo o artista, se a gente ficar triste ou zangado com esse fato, não refletimos a própria realidade social.

– A gente tem que entender que isto também é um reflexo social. O Bolsonaro foi o único político que discutiu criminalidade na última eleição, discutiu de um jeito torto, perverso, maquiavélico, da pior forma possível, mas foi o único que falou disso, sabe? Então, imagina para essas pessoas, que estão vendo os seus filhos serem assassinados todos os dias, o que esse discurso não representa? – reflete João.

Ele diz que não tem como culpar a comunidade por votado em alguém tão intolerante. Afinal, eles apenas pensaram naquilo que estava gritando dentro deles.

– Se a gente olha para esses portões, são todos portões super fechados, com grades nas janelas e lanças nos portões. Mas peraí! Isto aqui é uma comunidade, uma comunidade que cresceu junto. Então é nítido que eles estão se protegendo uns contra os outros, estão se protegendo contra si mesmo e ninguém fala disso – desabafa desapontado.

## **A INFÂNCIA RELIGIOSA**

Talvez o que mais aproxime, de fato, o artista dessas comunidades seja sua própria história de vida. Crescido em Botucatu, João foi criado no seio de uma família extremamente religiosa e muito pobre. Seu pai biológico, por exemplo, fugiu antes mesmo dele nascer, embora ele carregue consigo o nome dele.

Quando criança, ele perguntou diversas para mãe o porquê do seu nome. Queria saber se era por conta do Papa João Paulo II, que era o Papa em exercício da época ou se era por causa daquele jogador do São Paulo, que também fazia sucesso. Mas não era.

– Agora Paulo, que é meu segundo nome, aí tem um motivo: meu pai se chamava Paulo José. Ele fugiu quando minha mãe estava grávida de mim, mas mesmo assim ela insistiu em colocar como meu segundo nome o nome dele – conta um pouco cético.

Ainda assim, quando falamos de sua infância, João tem mais recordações boas que ruins. Nascido em São Paulo, ele se mudou ainda muito novo para o interior, onde cresceu em um bairro chamado Jardim Vista Linda, na extrema zona leste do Botucatu. Por lá, ele teve contato constante com a natureza, com as cachoeiras e com um pé de manga, que ele usava como esconderijo e refúgio. Porém, a condição econômica da sua família, o privou de muitas coisas, inclusive, de ter um contato mais afetivo com a mãe.

Seu avô era um guarda noturno, sua vó dona de casa e sua mãe era uma empregada doméstica. Então, a família sobrevivia com dois salários mínimos, tirados a muito custo, numa época em que o salário mínimo valia cerca de R\$100,00.

– Durante a minha primeira infância, por exemplo, minha mãe trabalhava de doméstica em São Paulo. Por isso, ela só vinha para casa nos finais de semana. A memória de infância que eu tenho dela é justamente essa, ela indo trabalhar para ajudar meus avós a me sustentarem. Infelizmente, eu convivi muito pouco com ela na infância – explica.

Ir à missa, no entanto, era quase um evento social para família Alves. Todo domingo, eles acordavam religiosamente às 6h e saiam de casa às 7h, para chegar com antecedência na missa das 8h. Aliás, João chegou a ser, por muito tempo, um dos coroinhas mais próximos do Padre Cláudio, o pároco que, naquela época, administrava os assuntos religiosos da Paróquia Nossa Senhora Menina, em Botucatu.

– Até hoje, minha família ainda é muito religiosa, minha mãe vai todo domingo à igreja. Meu padrasto ministra a comunhão e a extrema unção dos mortos – conta.

João acredita que essa religiosidade venha das suas origens familiares. Sua bisavó era uma indiazinha catequizada que saiu da sua tribo

para casar com seu bisavô, que era um negro alforriado. Por isso, eles se embrenharam muito nos princípios cristãos difundidos pela Igreja Católica Apostólica Romana. E a família continua carregando isso.

– Eu fui o único que falei: “opa, perai, não é isso que eu quero” – conta rindo.

No entanto, antes mesmo de mudar suas crenças e de se afastar de vez do catolicismo, João chegou a iniciar uma preparação para ingressar no seminário da cidade. Ele era um dos coroinhas mais próximo do padre e tinha um contato fortíssimo com o bispo. Inclusive, já estava junto ao pessoal do seminário, iniciando seus estudos pregressos. Todo mundo pensava: “esse daí vai ser padre mesmo”. Mas, quando ele tinha 14 anos, o Dom Zioni (bispo emérito de Botucatu) o chamou para conversar.

– Me diz menino, você já namorou alguma vez? – indagou sério.

– Ah, eu já dei umas bitoquinhas, mas namorar sério ainda não – João respondeu.

– Então vai namorar e depois você volta para o seminário – aconselhou o bispo.

Mesmo sem querer, João acatou o pedido.

– Eu fui e não voltei mais, nem para o seminário e nem para igreja – se diverte.

Logo após sair do seminário, João começou a confrontar os ensinamentos da igreja e colocar em xeque tudo aquilo que havia aprendido nos anos de religiosidade. A partir dos 14 anos, ele começou a ler tudo que caía em suas mãos sobre outras religiões e foi atrás de mais. Leu sobre o candomblé e sobre a umbanda, sobre o hinduísmo e sobre judaísmo. E até mesmo sobre as religiões antigas, que viraram mitologia.

Enfim, João fez uma verdadeira imersão e entendeu que as religiões são, na verdade, uma forma de controle social, uma forma de fazer com que as pessoas, muitas vezes, tenham um comportamento melhor. Por exemplo, se você pega o Pentateuco, que são os cinco primeiros livros da Bíblia: *Gênesis*, *Êxodo*, *Levítico*, *Números* e *Deuteronômio*,

— você encontra coisas que eram noções de saúde naquela época. Não era uma questão que Deus mandou, literalmente, fazer aquilo. E sim uma questão de bem-estar para que as pessoas não morressem cedo e conseguissem ter uma vida melhor.

— Quando você passa a perceber a religiosidade de uma forma social, que foi o que eu comecei a perceber, a partir dos meus 14 anos, você tem outra relação com ela. Você começa a entender a importância social da religião. Mas, individualmente, você também consegue se desligar dela, foi isso que aconteceu comigo neste período — conta.

No entanto, João só se descobriu como um agnóstico ateu, de fato, tempos depois, com mais ou menos 16 anos. Conforme ia conhecendo outras pessoas e adquirindo novas vivências, o artista foi percebendo que gostava do ritual religioso, mas que não precisava, necessariamente, seguir a religiosidade católica para viver ele.

— O trabalho voluntário, por exemplo, também é um ritual e ele preenche tanto quanto você ir à missa todo domingo. O teatro é a mesma coisa, toda vez que eu estou em cena, vestido de algum personagem, com o figurino pronto e um cenário atrás de mim, eu estou ali praticando um ritual que, inclusive, já foi algo religioso na época dos gregos.

O artista percebeu, entre outras coisas, que a história da humanidade era muito maior do que só os dois mil anos do catolicismo ou os oito mil anos do judaísmo. E essa percepção de que a vida era um pouco mais para além, aconteceu nesse período dos 16 anos, por conta de todas as relações sociais, da diversidade de pessoas e da diversidade de culturas que ele estava conhecendo, rescindo assim com a sua religiosidade.

Quando questionado sobre o impacto social das religiões na vida das pessoas, o artista é categórico em sua opinião e diz que o Deus judaico-cristão é um Deus perverso, seco, grosseiro, maldoso e assassino. Segundo ele, a própria questão bélica presente nas religiões judaicas-cristãs é uma coisa que influencia muito na nossa formação cultural.

— Existe esse deus que é pai, mas é um pai castigador. Inclusive, recentemente, o bispo da Igreja Universal Edir Macedo falou sobre a

questão de que as mulheres não devem ir para a faculdade<sup>1</sup>, o que é um absurdo. Mas, infelizmente, isso é algo tolerado dentro dessa ideia de um deus seco, árido, machista e patriarcal. Nesse ponto, eu acho que a religião pode ser um mal muito grande para a sociedade, a partir do momento em que ela se baseia em preconceitos e na sua própria rigidez tradicional – afirma.

No entanto, ele não deixa de admitir que a religião também pode ter um impacto muito positivo na vida das pessoas. E afirma conhecer muita gente que se transformou apenas com essa perspectiva de ter uma figura paterna, ainda que etérea. Por exemplo, João tem um primo que foi preso aos 22 anos, por tráfico. E ele estava numa fase muito difícil da vida, se indignava e se revoltava com tudo, ameaçava a própria família. Mas dentro da cadeia, ele se converteu ao cristianismo e hoje se reconciliou com os seus.

– Para o meu primo, a religião obviamente foi muito boa. Eu acho que a religião é positiva, enquanto fenômeno social, que faz com que as pessoas melhorem. Inclusive, apoio que ela deve continuar existindo. Mas no ponto em que ela reforça morte, assassinato e preconceito, eu discordo profundamente e vou continuar discordando até o fim dos meus dias, além de fazer de tudo para me colocar contra isso – enfatiza.

Mesmo com todas essas certezas individuais, quando João decidiu falar para família que iria se afastar da Igreja e não retornaria ao seminário, sua mãe ficou bastante desapontada, o que abalou muito a relação dos dois. Eles chegaram a ficar quatro anos sem conversar, falando apenas o que fosse extremamente necessário. Na verdade, a relação dos dois só voltou a se normalizar quando a avó de João morreu. Ironicamente,

---

*1 Em setembro de 2019, o fundador da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e proprietário do Grupo Record Edir Macedo, levou as filhas – juntamente com os maridos – ao palco do culto que ministrava e afirmou que as proibiu de cursarem o ensino superior antes de se casarem, pois caso “elas estudassem e fossem mais inteligentes que os maridos, seriam as “cabeças” da família e o fracasso dessa união seria certo”. Esse vídeo foi amplamente divulgado na mídia, repercutindo em portais como Correio Braziliense, Hypeless e Revista Fórum.*

foi a dor espiritual da perda que fez com que mãe e filho voltassem a se reaproximar. Ainda assim, João nunca teve coragem de contar para ela a sua verdadeira condição.

– Eu sei o quanto geraria de conflitos se eu falasse: “mãe, eu sou ateu”. Estaria instaurada a Terceira Guerra Mundial. Então pra quê eu vou fazer isso com ela? Eu tenho um tabu que me impede de contar para ela sim, porque eu não quero que ela se ofenda. Quando ela me liga, eu sempre falo “fica com deus”, porque é importante para ela ver o filho falando isso. Ela precisa da religiosidade dela, ela precisa desse conforto. Aquela coisa de que “o que eu não quero para mim, eu não vou fazer para o outro” é muito importante na relação que eu construí com a minha mãe – afirma.

Contar que é ateu ou não é algo que varia muito de pessoa para pessoa. No geral, João prefere omitir este fato em um primeiro momento, e depois ir sentindo a liberdade de poder dizer para alguém que a crença em um Deus, hoje, não passa pelas suas certezas. Mas existe todo um processo até ele chegar a esse ponto. É um processo em que, muitas vezes, ele prefere falar que é apenas um católico não praticante, porque é muito mais fácil manter essa história. Afinal, o artista conhece todos os preceitos católicos, viveu a religiosidade, ia em missa, foi coroinha por muito tempo e teve essa aproximação com o seminário. Então, ser o católico não praticante é bem mais confortável e evita julgamentos.

– Sou artista e adoro viajar e, nas minhas viagens, também gosto de conhecer a arquitetura das igrejas e a arte sacra dos lugares. Então, eu estou sempre postando fotos de igreja nas minhas redes sociais e isso me ajuda muito, porque facilita exatamente este momento de eu chegar próximo a um cristão mais fervoroso e respeitá-lo, já que ele precisa desse respeito e pede isso para mim, sabe? Ele pede que coloque as coisas como “olha, não é que eu não acredite em deus, não é que eu coloque em xeque a sua religiosidade, na verdade, eu até acredito em algum lugar” – complementa João.

## O CONFORTO RELIGIOSO

Apesar do número cada vez maior de pessoas que vêm se assumindo descrentes (cerca de 15 milhões, segundo dados de 2010 do IBGE -Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a religião ainda se mantém firme e forte. Os resultados da última eleição estão aí para comprovar isso: para a Câmara dos Deputados foram eleitos, em 2018, 84 candidatos identificados como evangélicos – nove a mais do que na eleição de 2014. No Senado, os evangélicos eram três e, em 2019, se tornaram sete parlamentares. Ao todo, o grupo que tinha 78 integrantes, passou a contar com 91 congressistas em janeiro.

Este levantamento foi feito pelo Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (Diap), com base nos dados disponíveis no Tribunal Superior Eleitoral (TSE). A título de comparação, em 2014, o Diap identificou 75 deputados cristãos na Câmara. Já, em 2010, a bancada evangélica tinha apenas 72 representantes.

Além disso, a crença religiosa, de certa forma, oferece uma segurança e um conforto emocional que ultrapassa os conceitos científicos. E talvez seja, por isso, que as dificuldades emocionais estimulem as pessoas a se aproximarem de uma via espiritual. Afinal, a religião é, atualmente, o único sistema de crenças que dá um sentido embelezado ao sofrimento, apresentando explicações e oferecendo mecanismos para lidar com as adversidades causadas pelas mortes, doenças e tragédias humanitárias. E, infelizmente, o nosso mundo é ainda feito de dores, perdas e frustrações. Mas mesmo assim, João é direto e inflexível em suas crenças e perspectivas sobre a vida após a morte.

– Você consegue se lembrar de algo antes de nascer? – ele me pergunta.

– Não – eu respondo simplesmente, meio sem entender.

– Pois é – ele concorda comigo. – Eu também só me lembro do escuro.

E continua refletindo, quase como se tivesse falando sozinho em um monólogo:

– Eu acredito que se, realmente, tivesse uma outra vida após a

morte, a gente saberia ou teria, pelo menos, uma sensação de ter vivido aquilo. Por exemplo, as árvores milenares têm gravada toda sua memória nas suas folhas, nas suas cascas, no seu tronco. A gente também teria uma memória disso. Então, quando eu morrer, acho que só vai ter um grande escuro, para o qual eu retornarei. E ok, isso não me assusta – ele garante.

De qualquer forma, a crença espiritual está ligada à segurança e é, por isso, que os países mais desenvolvidos – aqueles que oferecem aos seus habitantes uma vida mais estável, que atenda suas necessidades básicas, como garantia de moradia, saúde, trabalho e educação – tendem a ter um nível de ateísmo mais significativo do que os outros. Mas, ainda assim, boa parte da população mundial continua usufruindo do conforto emocional oferecido pela religião, principalmente, por desejar uma vida mais justa após a morte.

– Woody Allen tem uma frase ótima, que eu adoro, ela diz mais ou menos assim “não tenho medo da morte, só não queria estar lá quando isso acontecesse”. Eu acho que tenho essa mesma relação com a morte – reflete João, em meio a uma gostosa gargalhada.

Ele me conta que já achou que ia morrer algumas vezes e, na hora, ele apenas pensou “tudo bem, eu fiz tudo o que eu queria fazer, eu vivi intensamente”. E foi nesses momentos de quase morte, que João se sentiu livre e preparando para partir.

– Quando eu perco alguém querido, eu choro muito, eu sinto muito, mas é só por saber que, amanhã, essa pessoa não estará mais entre a gente. E tudo se resume nisso: sofrer por sentir a falta, mas aceitar a partida por saber que todo mundo vai morrer um dia e tá tudo bem. A vida após a morte, assim como deus, é uma grande ilusão criada pelo ser humano para se confortar, se fortalecer e para viver melhor numa sociedade muito complexa. E ok, se o outro precisa disso para viver, quem sou eu para criticar? – diz.

Esse pensamento altruísta, com certeza, diz muito sobre quem é João Alves e o quanto ele está disposto a respeitar, e principalmente,

se dedicar outras pessoas. Aliás, essa necessidade de ver as pessoas vivendo bem e em paz, talvez tenha a ver com a sua escolha pregressa de ingressar no seminário, de querer que as pessoas ficassem felizes e de poder contribuir, de alguma forma, para que isso acontecesse.

– A grande questão pra mim é o respeito. Eu respeito todo religioso, eu não vou ficar questionando essas pessoas na rua, não vou chegar na porta de ninguém falando “você já ouviu a palavra do ateísmo hoje?” Não, longe de mim! Se a pessoa necessita de uma religiosidade pra entender a sociedade, tudo bem. Se ela não fizer mal para as outras pessoas, para mim está ótimo, porque essa é minha grande preocupação aqui na terra, se a gente vai viver bem, todo mundo junto, nesse mundo louco – garante sonhador.

## O AMOR COMO DOCTRINA

O fato é que ser religioso ou ateu não faz as pessoas melhores, nem piores, mas por outro lado, parece condicionar a compreensão humana em torno da generosidade e do altruísmo, principalmente, quando essas características vão ditar a sua relação com desconhecidos. Parece que o grande problema está, basicamente, na certeza de que os religiosos possuem de que, somente pelo fato de seguirem uma doutrina x ou y, são mais altruístas e solidários do que outras pessoas. Só que, em grande parte das vezes, essa caridade está restrita apenas à sua comunidade religiosa. Ou pelo menos foi isso que revelou um estudo de 2015, comandado pela Universidade de Chicago, que mostrou haver uma relação inversa entre o altruísmo e os valores religiosos.

Por meio de um experimento realizado com menores de 5 a 12 anos, em seis países, geograficamente e culturalmente diferentes (Canadá, EUA, Jordânia, Turquia, África do Sul e China), os pesquisadores descobriram que as crianças que não foram criadas sob a rege de valores religiosos são notavelmente mais generosas quando se trata

de compartilhar seus pertences com outras crianças desconhecidas, provando que a religião não é, de forma alguma, uma garantia para moralidade e bons costumes.

Além disso, em 2013, uma pesquisa da Universidade de Stanford também mostrou que a compaixão levava as pessoas não crentes a serem mais generosas do que aquelas que seguem uma determinada religião. “Para os menos religiosos, a força de sua conexão emocional com outra pessoa é fundamental para decidir se irão ajudá-la ou não”, afirmou o sociólogo Robb Willer, autor do estudo. “Já os mais religiosos fundamentam sua generosidade em outros fatores, como o dogma, a identidade de grupo e a sua reputação”.

Para João, essa percepção também é verdadeira. Ele acredita que os ateus vivem mais em sintonia com os pressupostos religiosos do que os próprios religiosos.

– Por mais que o trabalho voluntário me traga, de certa forma, uma realização pessoal, eu deixo de pensar só em mim e vou cuidar do outro. Então, eu creio que existe sim um pensar mais altruísta por parte das pessoas ateias. Eu não estou me empenhando em um projeto social por deus, sabe? Essa não é uma relação terceirizada, não estou fazendo isso porque eu sou obrigado. Estou fazendo isso porque eu, João, quero me encontrar com outro e eu preciso que outro esteja bem – pondera.

João me diz seguir a filosofia da alteridade, na qual o outro é o elemento mais importante para ele. Para isso, ele se inspira em algumas figuras históricas como o educador Paulo Freire, o psicólogo Jorge La Rosa (autor do livro *Psicologia e Religião*) e, por mais irônico que isso possa parecer, em Jesus de Nazaré.

– Agora, eu vou falar uma coisa que é bem difícil e complexa para um ateu – ele começa já rindo. – Mas Jesus é uma pessoa que me inspira bastante, enquanto revolucionário palestino, em uma cidade ocupada por soldados romanos, ele me inspira por fazer uma transformação social em um lugar que precisava muito. Além disso, Jesus era uma pessoa que tinha uma relação muito forte com o outro e isso é inspirador.

Com apenas 1,57 de altura, João até poderia passar despercebido em meio a uma multidão de pessoas, mas não passa. Enquanto andamos pela comunidade em festa, diversas pessoas nos param e cumprimentam o artista.

– Que bom que você veio – elas dizem.

– Passa lá em casa para almoçar, Joãozinho.

– Vamos beber uma breja depois?

Os convites são muitos e João prontamente aceita todos. Gigante como só ele.

– Eu acho que a gente tem que se encontrar mais nessa vida, o ser humano ainda não descobriu o próprio ser humano, o outro ainda não conseguiu se descobrir no outro. No final das contas, eu acho que a grande questão de tudo é você não ser um filho da put\*. Já tem tanta gente filha da put\* por aí, não seja mais um, sabe? Seja um ser humano legal e honesto, porque o bem que a gente faz nunca morre com a gente – declara.

No fim das contas, a parábola do bom samaritano nos ensina que o amor é o que realmente importa nessa vida. Afinal, o sacerdote e o levita eram pessoas que conheciam bem as leis de Deus, trabalhavam dentro dos templos e tinham, dessa forma, grande responsabilidade religiosa e social. Mas nem todo seu conhecimento em rituais foi o bastante para que agissem com empatia. O amor não estava em seus corações.

O samaritano, por outro lado, poderia ter ficado feliz com o sofrimento do judeu. Mas naquele momento ele não viu um inimigo e sim um homem necessitado, que precisava de sua ajuda. O samaritano amou o outro e, por isso, ele amou de verdade.

– Eu percebi, até um pouco misticamente, que eu estava vivendo uma ressurreição quando me tornei ateu. Então, eu morri para a vida religiosa e surgi na minha outra vida. A gente vive nascendo e morrendo. O mito da ressurreição é real, só que ele é muito mais psicológico do que algo físico e espiritual. Este foi o meu momento de morrer

para essa comunidade religiosa e depois, renascer em uma comunidade mais tolerante, menos preconceituosa, mais libertária. Hoje, eu me sinto livre, muito mais do que quando eu era religioso. Às vezes, é preciso morrer para nascer de novo, é preciso se afastar da religião, para ter uma aproximação com a humanidade, de fato – compara.

Por fim, quando eu pergunto para o artista pelo que ele gostaria ser lembrado, esperando mais uma de suas respostas filosóficas – iguais aquelas que haviam permeado nossa conversa até aquele momento - João apenas me brinda com uma resposta sutil.

– Quero ser lembrado por ser João. Se um dia falarem “existiu um João por aqui”, já está valendo – finaliza, com um sorriso brincalhão.



**LIA COTRIM:  
JOVEM, ATEIA E ABERTA  
AO CONHECIMENTO**

Julia Araujo

*“Eu não acredito nessa figura patriarcal  
de um homem branco sendo deus”*



**E**ra uma sexta-feira, o céu já estava escuro. O bairro de Santa Cecília, localizado na região central de São Paulo, estava bem agitado e movimentado, muitos bares e música alta. Bem próximo a uma igreja fica o condomínio residencial de Lia, um prédio de mais ou menos 14 andares, com um portão largo, bem parecido com o de uma garagem de uma casa. Depois de muitas tentativas de encontrar uma personagem que tivesse sido criada em uma família majoritariamente atea, finalmente eu havia conseguido uma boa história e estava ansiosa para conhecer a jovem que gentilmente aceitou contar sobre sua vida. Subi até o sexto andar. Em um corredor bastante escuro, havia uma campainha.

– Trin, trin!

Lia abriu a porta.

– Olá, Julia! Prazer! Pode entrar e ficar à vontade.

Passamos pela cozinha e nos sentamos na sala que, na verdade, parecia uma biblioteca. Estantes de madeira repletas de livros e paredes com pelo menos cinco quadros me indicavam que aquele lar assistia à convivência de pessoas para as quais o conhecimento representava muito.

Filha de um biólogo e uma filósofa, Lia Cotrim Fvingila é uma menina que, apesar da pouca idade, tem muitas histórias para contar. Com quatro irmãos, sendo ela a única mulher, a jovem de 20 anos é dona de uma personalidade marcante.

De cabelo bem curtinho, meio alaranjado, pele clara, usando óculos redondos e com mais ou menos 1,50m de altura, Lia aparenta,

num primeiro momento, ser uma pessoa fechada, por conta do semblante e da postura séria. Mas aos poucos, vai abrindo o sorriso e se mostrando uma menina doce e simpática.

– Você se importa se a gente for até a cozinha para eu fazer um café?

Eu disse que por mim tudo bem, e nos sentamos nas cadeiras da mesa da cozinha. Ela fervia a água, enquanto conversávamos sobre assuntos da vida, como a faculdade.

– E você, estuda? – pergunto.

– Eu fiz cursinho por um tempo, mas aí eu tive vários problemas da vida e acabei largando, assim, meio que deixando para fazer no ano que vem, sabe?

– E você tem vontade de estudar o quê? – pergunto novamente.

– Estou bem em dúvida entre fazer Biologia e Medicina Veterinária, porque meu pai é biólogo. Fico pensando: sigo o rumo dele, que é um caminho que eu gosto ou vou para essa área nova sobre a qual eu não tenho quase nenhum conhecimento... Eu acho que tenho mais segurança para a Biologia, não tenho certeza ainda. É uma coisa que eu vou ver.. Não estou com muita pressa, para falar a verdade.

Começamos a conversar sobre como era a relação com os seus pais: Vera Aguiar Cotrim e Edward Julio Fvingela. Lia revela que eles se separaram quando ela tinha apenas 2 anos de idade. A separação foi um episódio bastante conturbado na vida da família. Lia tinha um relacionamento tenso com seu pai. Ao completar 15 anos, esse cenário teve uma grande mudança. Depois de escrever uma carta para Edward, os dois leram, choraram juntos e, desde então, as coisas começaram a melhorar. Já com a sua mãe, a situação era outra. Lia considera Vera como sua “melhor amiga”.

– Tem coisas que eu converso com a minha mãe e que eu não converso com as minhas amigas, por exemplo. São coisas que, na real, eu não conto pra ninguém – afirma com convicção.

Mas, claro, nem sempre tudo foram flores. Algumas vezes ela também se desentendeu com a mãe.

– Quando eu era pequena, eu tinha uns 12 anos, eu fugia de casa para ir até a residência da minha avó Lívia. E ela sempre me empurrava de novo e eu acabava indo para o lado da minha mãe – sorri.

## A HERANÇA FAMILIAR

A personalidade forte da garota é herança de uma família de figuras que nunca ficam em cima do muro quando o assunto é opinião e posicionamento. Além de seus pais serem professores, sua avó materna, Lívia Cotrim, falecida em agosto de 2019, foi uma mulher muito importante no campo da Sociologia. Formada pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, mestre em Ciência Política pela Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) e doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), Lívia é autora de trabalhos respeitados que envolvem temas como a Revolução Russa e o populismo. Foi professora do Centro Universitário Fundação Santo André (FSA) e da PUC/SP. A mãe de Lia e sua tia Ana Cotrim também são acadêmicas e ativistas. Militam pela causa palestina, dentre outras pautas.

– Todo mundo aqui, tanto na família da minha mãe quanto na família do meu pai, é assim, de personalidade marcante. Meus pais me criaram desta forma. Os dois são fogo contra fogo, sabe? – diz sorrindo.

Lia lembra de um episódio envolvendo a sua mãe, quando ela estava no segundo ano do ensino médio. Havia acontecido uma situação de assédio sexual por parte do melhor amigo dela. Sem saber muito bem o que fazer, a jovem resolveu não contar imediatamente para Vera. Após a situação se repetir com uma de suas amigas, Lia contou para a família.

– Minha mãe disse que tínhamos que resolver por meio das instituições. Ela sempre foi de bater de frente com elas – lembra.

Vera esperava que a escola tomasse alguma atitude, mas não foi o que aconteceu. Decidiu, então, levar a situação até a mídia.

– Quando ela falou isso, eu fiquei assim (nesse momento esbugalha os olhos, fazendo uma expressão de assustada). Rimos no final. Ela é decididona. Se eu pudesse descrever ela, seria como muito convicta. Ela só fica balançada da própria certeza se alguém provar o contrário. Tem até uma frase que eu adoro, que eu acho que descreve bem ela, que é assim: “Sobre as minhas convicções tenho dúvidas” – conta.

A relação com seus quatro irmãos – Theo, Pedro, Raul e Tom – não é diferente. A convivência sempre foi muito boa, envolvendo muita parceria. Theo, seu irmão de 18 anos, é um dos mais próximos. Depois de crescidos, os dois fizeram uma tatuagem: uma chave. Em uma extremidade da chave há um desenho de água e na outra extremidade está desenhado o fogo, o que, para os irmãos, resume exatamente a relação que existe entre eles.

– A gente brinca dizendo que somos almas gêmeas – diz.

Mas além desse significado, a chave desenhada na costela de Lia teve como motivação uma experiência familiar. Em meados de 2014, quando sua tia Ana e sua mãe foram até a Palestina, as duas voltaram com um pingente que era uma chave. Essa chave geralmente fica pendurada na porta das casas da região. Culturalmente, ela tem um significado de volta, ou seja, se algo foi embora, esse algo vai voltar. Lia define que essa é exatamente a importância desse símbolo, a ideia de que independentemente de onde estejam, eles sempre voltam um para o outro.

Seu atual namorado, o Dani, é de família judia. Coincidentemente, antes dele, ela teve um relacionamento com outra pessoa da comunidade judaica.

– Eu não sei o que acontece, mas eu só namorei judeus – brinca.

Mas isso não é um fator que tenha algum tipo de influência negativa na relação com a família de seu namorado, pelo contrário. O fato dele ser judeu nunca causou qualquer tipo de problema no convívio do casal. Ao tocar nesse ponto, Lia lembrou de uma situação engraçada que aconteceu na primeira vez que ela foi na casa do rapaz.

– Eu tinha essa mania de falar “Jesus!” quando alguma coisa me espantava. Aí, eles estavam falando alguma coisa, então eu falei JESUS!, o pai dele virou e falou “Moisés!”. Eu fiquei vermelha de vergonha e eles rindo da minha cara – terminou gargalhando.

Sua família paterna, segue o catolicismo desde sempre. E de certa forma, por ser o extremo da outra parte (a materna, que é atea), algumas vezes Lia era questionada com perguntas como: “Você não acredita em Deus? Mas em uma força maior você acredita, né?”

– Quando eu era bem pequena, a minha avó Franca, mãe do meu pai, escreveu uma oração para eu levar na bolsa. Eu achei super legal. Não porque era uma oração, mas porque foi uma coisa que a minha vó tinha me dado. E teve um dia, depois disso, quando eu tinha uns 7 anos, que eu decidi acreditar em deus.

Mesmo nessa época, ainda que houvesse situações como essa que a instigasse a ter experiências religiosas e entender um pouco mais sobre o divino, Lia não sentia isso como uma pressão, pois, para ela, desde sempre, era muito óbvio que Deus não existia.

– Eu considero que eu entendia muito bem o que era a crença, sabe? – afirma. – Mas eu tenho a minha convicção, que eu acho que tem relação com o jeito da minha mãe, de que não é real. Assim como você nasce judeu, eu acho que eu meio que nasci sabendo que isso não existia.

A água do café que Lia tinha começado a fazer já estava fervendo.

– Posso só tirar a água do café? – disse.

– Claro! – respondi

Enquanto coava a bebida, meio pensativa, ela diz acreditar que isso é uma característica que esteve dentro dela desde seu nascimento, pois foi transmitida por meio da sua família durante a vida inteira.

Pouco tempo depois de ter recebido a cartinha de sua avó Franca, Lívia disse em casa que queria ser batizada.

– Eu achava super legal e até falava: por que eu não sou, né?

Além disso, o fato de não passar por um ritual que muita gente passava começava a incomodá-la.

– Me sentia excluída. Porra! Todo mundo é e eu não?!

Sua melhor amiga da época, a Clara, que pertence a uma família cristã, era a pessoa com quem Lia tinha muitas conversas sobre esse assunto. Batizada na igreja, a colega acreditou por um bom tempo na religião. E de certa forma, por influência, acabou gerando em Lia um questionamento sobre o porquê de não ser batizada.

– E aí tem aquele negócio de querer ser igual a sua melhor amiga, sabe? Também tinha isso.

Questões como essa eram refutadas pelos pais de Lia. Eles achavam que isso não tinha nada a ver com a filha. Então, não foi uma situação que durou muito tempo, pelo menos não dentro de sua casa.

Porém, embora não houvesse interesse, mesmo não sendo a favor, sua família nunca foi contra Lia vivenciar experiências. Ainda que os interesses e curiosidades não fossem em comum, seus pais nunca proibiram a jovem e seus irmãos de nenhuma experiência religiosa.

No ano passado, em 2018, Lia sofria de Síndrome do Pânico. Situação na qual, geralmente, muitas pessoas recorrem a alguma religião como forma de apoio. Foi exatamente isso que ela pensou. Sem saber ao certo o que fazer nesse momento, por algum instante, essa também foi uma das esperanças da jovem.

Ao cogitar a possibilidade de ir em algum templo, ela achou justo compartilhar a ideia com a família. Inevitavelmente, seus pais disseram que isso não fazia muito sentido, mas que tudo bem se ela quisesse recorrer a uma religião.

Seu bisavô Aluizio, que acredita em Deus, sempre manteve sua crença viva dentro de si, sem compartilhar muito com os outros integrantes da família. Depois de alguns dias pensando em frequentar alguma casa religiosa, Lia se desapegou dessa ideia e resolveu seguir, até que em um dia, na casa do seu Aluizio, aconteceu uma situação curiosa que avivou ainda mais essa possibilidade.

– No dia seguinte, eu subi para a casa do meu bisavô e ele começou a conversar comigo sobre isso. Ele não compartilha muito a fé dele com a família, justamente porque ele sabe que é um bando de ateu. E aí ele falou: “Você acha que o homem veio do macaco?” Eu respondi que sim. Então ele retrucou: “E Deus?”. Eu respondi que não sabia.

## **A UMBANDA COMO DIVISOR DE ÁGUAS**

Para Lia, a figura patriarcal de Deus não existe. Ir a missas, cultos ou qualquer outra cerimônia religiosa nunca fez parte de sua vida. A única experiência que ela teve até os seus atuais 20 anos foi com a umbanda (religião brasileira que sintetiza vários elementos de matrizes africanas e cristãs) e, nas palavras dela, essa foi a vivência mais próxima que ela já teve com a religião.

Foram duas idas ao terreiro. A primeira vez foi em um culto. Lia descreve a experiência como feliz e repleta de sentimentos bons. Ao acompanhar uma de suas amigas na busca por um terreiro, ela decidiu que gostaria de ver como tudo acontecia de perto.

– Foi de noite. Eu estava super nervosa, porque eu não sabia se eu tinha medo ou não tinha, não sabia como era. Eu entrei. Você entra e você vai para uma sala que eles te limpam, e aí eles passam a mão por você e fazem uma reza. E eu lembro que a moça que estava fazendo a reza em mim falou: “Nossa! você está carregada”. Eu passei com a cigana e percebi que era uma terapia. Mas eu ficava pensando o tempo todo: será que eles estão fingindo? – conta, pensativa.

Depois desse momento, Lia teve uma conversa com a cigana. Um papo que, segundo ela, era para entender se a pessoa está bem ou não.

– Ela perguntou o que tinha acontecido comigo. Eu falei e tal... Eu tinha perdido uma gata. Aí, essa foi a parte que me deixou em dúvida se eu devia realmente acreditar ou não. Ela virou pra mim e falou: “Você vai ficar doente se você não falar, e se você não conseguir falar, escreva”.

Como uma das paixões de Lia sempre foi a escrita, seja de poesia, um texto de desabafo ou qualquer outro gênero, as palavras da cigana mexeram com as convicções da jovem. Será mesmo que existe uma entidade que cerca as pessoas e está ciente de tudo que está acontecendo?

– Quando ela falou aquilo, me deixou meio “HÃ, HÃ?!” – lembra, assustada.

Mesmo desconfiada, Lia saiu do terreiro naquele dia feliz e com energias boas.

– Eu sentia que lá rolava um amor absurdo. Era muito bonito.

Para ela, a religião sempre foi sinônimo de amor. Então, de certa forma, essa primeira experiência confirmou esse sentimento em relação à crença que Lia tinha para si. Ao chegar em casa, mesmo com ótimas histórias para contar, Lia não encontrou curiosidade por parte de sua família, que não deu muita bola para a experiência que ela tinha vivido.

– Minha mãe dizia que a religião é uma alienação de certa forma, porque você tenta buscar uma coisa, uma explicação, que na verdade, está dentro de você. Mas, independentemente do preconceito que a minha família tem com as religiões, isso nunca foi uma trava pra mim.

Nesse mesmo dia, um dos meninos que estava presente no terreiro, o Gabriel, incorporou um espírito que se chamava “Flechinha”. Lia julgava difícil fazer a distinção entre quem era a Flechinha e quem era o Gabriel, mas, de repente, aconteceu uma situação que fez a jovem ter uma outra percepção sobre a religião.

– Eu estava com um colar de conta colorido. E na umbanda tem a guia – um colar de conta que simboliza cada orixá. Ele pegou e falou pra mim: “É uma guia?” Eu respondi que não era. Depois ele virou pra mim e falou: “Você é braba, né?” Eu disse: Sou! Ele falou que eu parecia Iansã (a orixá dos ventos e dos raios, uma orixá de extrema força na umbanda). Eu achei super

engraçado. Nesse dia eu descobri que a religião também é uma mitologia – expressa, com fascinação.

A partir desse momento, Lia ficou interessada em ler e entender um pouco mais desse universo.

Com um pouco mais de um ano após a primeira visita, Lia foi a um outro terreiro acompanhada do seu irmão Theo e de sua amiga Roberta. Mas desde a chegada no local, diferentemente da sua experiência anterior, Lia não se sentiu confortável.

– Já começou estranho, porque tinha senha para entrar. Eu olhei e falei, mano, que porra é essa?! Peguei a senha e estava achando tudo meio esquisito, mas fui. No primeiro terreiro, as pessoas eram mais alegres e felizes. Nesse, as pessoas eram mais carrancudas, tipo, meio sérias – recorda.

Aí eu passei com o Pai da casa e meu irmão com a Mãe da casa. Ele perguntou se eu era depressiva, eu disse que não. Perguntou se alguém tinha morrido, também disse que não. Perguntou se eu me cortava, eu também disse que não. Eu pensei: Cara, por que ele está me perguntando isso? Eu queria sentir aquilo que eu tinha sentido da primeira vez e não senti – diz.

Depois desse questionamento, o Pai da casa continuou fazendo provocações a Lia.

– Ele virou pra mim e falou: “Quantos anos você tem, menina?” Eu tinha, tipo 18 anos. Ele pegou no meu braço e falou: “Você está muito magra para quem tem 18 anos”. Aquilo foi um soco na minha cara.

Esse episódio deixou Lia muito mal. Todas as expectativas e sensações boas da primeira ida a um terreiro passaram a ser corrompidas. Chegando em casa, ela conta que chorou muito e, sua mãe e sua tia não gostaram nem um pouco de vê-la tão magoada e desapontada.

Depois dessa experiência, a jovem nunca mais foi em nenhum tipo de ritual religioso, pois, de certa forma, essa última visita ao terreiro, causou uma espécie de trauma e desapontamento em relação às religiões e crenças.

Ao longo da sua adolescência, suas maiores experiências religiosas foram com a umbanda. Embora pertença a uma família majoritariamente católica, Lia nunca teve uma identificação com o discurso do catolicismo. Já na umbanda, por ter tido vontade própria de conhecer e, de certa forma, ter se identificado no primeiro momento, as experiências são consideradas mais relevantes e carregadas de simbolismo e aprendizados.

– Eu nunca me identifiquei com uma missa, com a figura do padre falando. Para mim era um negócio de achar engraçado, porque para mim é uma historinha.

Na época, para a jovem, esse foi um dos episódios mais decisivos. Lia conta que esse foi o momento da quebra com a religião, pois ali ficou claro que Deus não existia. Nesse mesmo tempo, foi o período que ela desenvolveu a doença da Síndrome do Pânico. Naquele momento ficou evidente que não existia nada. Se ela quisesse melhorar, teria de ser por ela mesma.

Lia foi em uma consulta médica, para que o tratamento pudesse ser feito. Após começar a ingerir os medicamentos receitados, a ciência, mais do que nunca, passou a ser seu alicerce e fundamento para entender as situações e problemas da vida.

– Eu até pensei em voltar para a umbanda nesse momento. Eu conversei com a minha mãe e meu pai. Inclusive, eu tinha uma canga de Oxum. Quando eu tive pânico, eu tirei. Cheguei a pedir pra ela e para os meus orixás, cheguei a pedir para deus, mas não aconteceu nada.

Se for para ser, a religião te encontra. Assim é o pensamento de Lia. Para ela, a religião não é algo que deve ser buscado insanamente. Se aquilo te pertencer, simplesmente vai acontecer em algum momento.

Por ter uma relação próxima de sua família, suas experiências e conclusões relacionadas ao sagrado sempre tiveram influência de seus pais, avós ou tios. Além de sua última visita ao terreiro, aconteceu uma outra situação que contribuiu na relação de Lia com a crença.

Diferentemente de seu avô paterno, o pai da mãe de Lia, Ivan, não tinha religião. Em uma das visitas que lhe fez (em um dia em que Lia estava com a sua melhor amiga), disse que tinha uma história para contar.

– O pai do meu avô morreu muito cedo. Meu avô tinha 9 anos, 10 anos, sei lá. Ele viu o pai morrer de taquicardia e tal. A mãe do meu avô era religiosa. Ele falou que no dia em que o pai dele morreu, ele se trancou no banheiro e falou: “Meu deus do céu! Pelo amor, salva ele”. E no final, o pai dele morreu. E para ele, naquele momento, ele entendeu que deus era uma grandíssima palhaçada – relata apreensiva.

Assim que Ivan terminou de contar para as meninas esse relato, Lia passou a entender que dificilmente existe um fator externo que possa modificar do dia para noite alguma situação. A menina rapidamente associou todo aquele contexto que seu avô tinha vivenciado ao momento em que ela estava enfrentando a Doença do Pânico, o que causou uma reflexão de que forças maiores e entidades podem ser apenas uma historinha sem fundamento.

– Você acha que a sua família se enquadraria na frase: “Eu só acredito vendo?” – pergunto.

Depois de mais ou menos 10 segundos em silêncio pensando, Lia responde:

– Sim. Eu acho que essa coisa do meu avô é justamente isso. Tipo, ele pagou pra ver, sabe? Disse: “Salva meu pai”. E quando o pai dele não foi salvo, aquilo foi tipo: eu não vi, então não posso mais acreditar que isso é verdade. A minha mãe sempre brinca com isso, dizendo que se existe deus, não existe barata. É uma coisa que eu super acredito – terminou dando risada.

Além de todas as superstições e teorias envolvendo Deus e a religião, Lia comenta que uma das coisas que sempre irritou sua família, em especial sua mãe, é a questão da superioridade hierárquica da figura religiosa sobre as pessoas.

– Teve uma coisa muito forte em mim e na minha família, que tem relação com a religião, que é a culpa cristã. Essa coisa de você se sentir culpado por ter feito algo, de um ser punitivo. A minha mãe sempre ficou muito puta com a moral da religião – ressalta.

## A RACIONALIDADE COMO FORMA DE CONHECIMENTO

Com os pais professores e uma família que preza pelo estudo e pela pesquisa, Lia sempre se dedicou e demonstrou muito interesse pelo conhecimento, e isso se aplica desde a época do colégio. A jovem gosta de estudar e aprender coisas novas.

– Na minha escola, a gente fazia o DIP (Dia da Informação Profissional). Lá, eles chamavam os pais dos alunos para irem falar. Minha mãe foi lá pra falar da área de Filosofia. Eu estava na sala ouvindo. Foi ótimo. Eu fiquei: “Gente! É a minha mãe, vocês estão vendo, né?!” – rimos.

Não só as aulas de Português, Biologia ou História fascinavam Lia. A mitologia sempre foi um campo sobre o qual a jovem se interessou muito.

– Eu sou fascinada por mitologia, não só a mitologia dos orixás, mas a mitologia nórdica, a mitologia grega, mitologia indu, o *Mahabharata*, que é aquela obra que narra a existência dos deuses – expressa, fascinada.

O conhecimento é um caminho sem fronteiras para a Lia. Independentemente do assunto, ela diz não ter nenhum tipo de preconceito sobre nenhum tema, inclusive se envolver religião.

– Por mais que eu nunca tenha acreditado direito em nenhuma religião, eu lembro que, quando eu era pequena, meu pai me deu um livro que se chamava *Mahabharata, os olhos de uma criança*. A obra traz uma criança contando, na visão dela, essa história. Eu fiquei fascinada com aquilo, não porque eu acreditava, mas pela história. Era bom demais ler sobre – afirma, com um singelo sorriso.

Os livros religiosos também despertam o interesse da menina, pois desde a infância, o senso crítico e a vontade de experimentar foram marcas registradas não só de sua família, mas dela.

– A Bíblia, para mim, é uma história. Eu acho engraçadíssimo conhecer as histórias que estão lá. Não tenho nenhum preconceito com a religião católica e nem cristã. Só que tem coisas que eu discordo. Acho um absurdo deus ser uma figura de um homem branco de olhos

azuis, eu acho isso um completo absurdo – destaca, esboçando um semblante de indignação.

Hoje, com mais maturidade e capacidade de entendimento, a jovem sabe muito bem fazer suas distinções em relação à religião e qualquer outro tipo de assunto.

## CRER OU NÃO CRER?

Ainda na infância, suas experiências em relação à crença foram bastante conturbadas, por justamente não conseguir entender o que uma religião poderia significar e representar de fato a uma pessoa. Mas, ao mesmo tempo, todas essas vivências tiveram alguns reflexos em sua família.

– Quando criança, eu acho que conheci o máximo que me cabia conhecer, sabe? Eu perguntava pra minha mãe se ela acreditava em deus e ela simplesmente me respondia que não, que tudo era uma palhaçada. Eu vim disso. Eu acho que a partir das experiências que eu tive, minha mãe ficou mais aberta para conversar sobre esse assunto – observa.

Lia faz uma pequena pausa e me pergunta:

– Você se importa se eu fumar tabaco?

– Não, imagina. Pode ficar à vontade – respondi.

Ela voltou para a mesa da cozinha onde estávamos sentadas, com uma foto que pegou em outro cômodo da casa.

– Meu, eu tenho uma foto que se você quiser colocar no seu livro, eu acho que tem a ver com a minha família.

– Foto? – pergunto.

– Minha mãe ganhou isso aqui. A gente ama essa foto.

Era uma fotografia em preto e branco com quatro freiras – vestidas em seus trajes tradicionais – em uma roda fumando cigarro.

– É realmente a cara da sua família – conclui, dando risada.

Voltamos a conversar e, sem eu ter feito nenhum tipo de pergunta, a jovem diz que tinha algo para me contar.

– Eu me considero atea. Mas, eu tenho uma questão que é a ener-

gia. É uma coisa que eu acho que eu creio, mas acredito sabendo que foi uma coisa que a ciência já trabalhou muito em cima. Tipo, física quântica trabalha em cima de energia e tal... Energia é uma coisa que eu acredito, mas não acho que seja algo particularmente religioso. Tem um fundo científico na coisa, como a acupuntura – explica.

Além da Biologia ensinar muitas coisas sobre a ciência para a família, Lia aprendeu muito com a profissão do pai e, principalmente, com os animais, com os quais ela sempre teve muita afinidade e carinho.

– Meu pai me ensinou muita coisa sobre a biologia e os bichos. Ele estimulava a gente a pegar inseto na mão. Já criei muito inseto, girino... criei várias coisas. E sempre teve isso, de tipo, eu sempre tive uma dúvida: como o mundo foi feito por deus? Pra mim isso era meio balela. Meu pai, por ser biólogo e professor, teve um jeito muito didático de me explicar, dizendo: aquilo são aranhas, porque elas são aracnídeos. Pra mim, aquilo explicava tudo – conta.

Com Vera, sua mãe, a forma de explicar a vida e existência humana era um pouco diferente. Filósofa e professora que acredita na teoria marxista, a maneira como ela explica as coisas para a filha é sempre do ponto de vista de exemplificar o porquê de a humanidade ser como ela é.

– A lógica do trabalho, quando começou, a relação de classes... O próprio feminismo, que foi uma coisa que meio que a gente descobriu juntas. Por que existem ricos e pobres? Isso foi uma coisa que a minha mãe sempre deixou clara pra mim, que é a estrutura do mundo por conta do capitalismo. Minha mãe tinha um jeito bem mais teórico do que o meu pai, ele tinha um jeito mais sistemático e lógico. Isso faz parte de quem eu sou. Eu não seria eu, se não fosse essa maneira de explicar o mundo – ressalta.

Os ensinamentos de sua família, até hoje, são preservados e levados em consideração por Lia. A teoria, com a metodologia racional que seus pais lhe ensinaram, constitui parte de sua maneira de enxergar o mundo.

– Quando eu penso em alguma coisa, eu penso em como explicar

a partir do que os meus pais me ensinaram. Quando eu tenho uma dúvida, do tipo, porque as cobras não têm patas, eu lembro do meu pai explicando tal coisa, aí eu penso, ah... então, tem várias questões em relação isso. A evolução, por exemplo. Eu sou apaixonada pela evolução, porque eu acho que a evolução explica tudo.

Uma jovem bastante plural e que se demonstra disposta a conhecer e debater diversos assuntos, Lia não gosta de generalizar situações. Ao ser questionada sobre a relação da religião com a limitação humana, depois de uma pausa que durou em média cinco segundos, ela respondeu.

– Eu acho que dependendo da religião sim. A religião evangélica e católica tem aquela coisa da moral e da culpa cristã, eu acho que isso é uma coisa que limita. Mas não a religião como fé, mas como culpa e moral. Acho que a moral e a culpa impedem você de fazer coisas que, se você não seguisse uma religião, você faria normalmente. Com certeza isso é uma visão de uma pessoa atea que cresceu em uma família atea. Mas a minha opinião é que sim, pode limitar, principalmente se você vive fechado dentro da comunidade – diz, com um semblante sério.

## **A FAMÍLIA COMO FORTALEZA**

Com a mistura de personalidades fortes e uma resposta sempre na ponta da língua, Lia é uma menina que valoriza muito cada membro da sua família.

– Eles são um pilar na minha vida. Eles são a riqueza do meu mundo. Os meus irmãos são a coisa que eu mais agradeço. Só não sei a quem – diz, brincando.

Uma das memórias carinhosas que Lia guarda consigo é a da sua avó Lívía.

– Ah... – pensa emotiva. – A minha vó Lívía foi uma pessoa muito importante na minha vida, também em relação a essa questão de não seguir uma religião, mas principalmente pela relação de ser muito próxima. Sei lá, eu dormia na casa dela todo final de semana, quando

era pequena. Com a questão da religião, quando a minha avó morreu, eu também descobri que deus não existia.

No velório de Livia, Lia se sentiu na obrigação de fazer um ato que, ao seu ver, seria uma ação de respeito e amor à sua amada.

– Vários alunos dela foram. Eu virei para a minha mãe – e era daqueles velórios que tinha um puta Cristo assim, na cruz – aí eu olhei, minha mãe olhou em prantos e eu pensei “vou virar essa merda”, porque se tem uma coisa que ela não ia gostar, era um Jesus na cara dela. Foi uma gratificação absurda para mim, não sei por que também, mas ela iria ficar feliz, eu acho – recorda.

A jovem tenta lidar com a morte do melhor jeito, já que essa sempre foi uma situação muito presente em sua vida, desde o período da infância, que foi marcado por muitas perdas de familiares.

– Eu gostaria muito de pensar que ela está em um lugar melhor. Eu tenho uma questão muito séria com a morte, porque desde a infância eu perdi muitas pessoas. Eu descobri também com essa coisa da religião que, por mais que eu acredite que ela não está no céu, eu acredito que ela está em lugar que é bem melhor do que qualquer um, que é dentro de mim, ela está em mim e sempre vai estar – debruça a cabeça, concluindo.

A morte nunca foi um tema difícil de ser ensinado e compreendido por Lia.

– Nunca teve muito segredo, nunca teve muito tabu. Nunca teve que fantasiar isso, e eu fico agradecidíssima por isso. Minha mãe sempre teve uma coisa muito forte na cabeça, que ela acha que a criança tem direito de se despedir sim da pessoa que se foi. Eu acho que eu achei um conforto nisso. Eu não preciso que deus esteja cuidando dela. Ela está em mim, ela vive em mim – afirma, referindo-se a sua avó.

A maçaneta gira, alguém havia chegado.

– Oi, mãe! – diz Lia.

– Oi! Tudo bem? Muito prazer – cumprimento.

– Olá! O prazer é todo meu! – responde Vera.

– Mama, você quer participar? – a filha pergunta.

– Eu acabei de chegar... Só um minuto. Tenho que fazer alguns telefonemas – a mãe nos responde.

Continuamos a conversar. Lia me conta que em festas de final de ano, como o Natal, a família não segue nenhum ritual, como a tradicional espera da meia noite para que a ceia consiga iniciar, um hábito cultivado por muitas famílias.

– Teve uma vez que a gente foi na casa do meu antigo padrasto Luciano, em um Natal. Eles rezavam. Ficavam todo em volta da mesa, davam às mãos, e rezavam. Eu olhava aquilo e pensava, a gente nunca fez isso. Na minha casa a gente faz um pernil que alimenta toda a família, senta e come. Pronto. Acabou. E é maravilhoso! – diz sorrindo.

E isso se aplica inclusive em outras datas, como na Sexta-feira Santa.

– Na nossa família nunca teve isso de comer peixe – responde Lia.

– Mas a vovó fazia bacalhau – interrompe Vera. – Não era pela religião, mas era uma tradição. Era a nossa chance de comer peixe.

## **LIA, UMA MENINA DECIDIDA!**

Apesar da pouca idade (apenas 20 anos), Lia se mostra uma pessoa convicta e que vai atrás de tudo aquilo que lhe chama a atenção, incluindo as religiões. Mesmo não acreditando em uma doutrina, a garota se considera uma pessoa aberta e disposta a viver novas experiências desse campo.

Sua personalidade é tão forte e emblemática que Lia termina dizendo que, apesar da influência da família, no fundo foi ela quem decidiu pela opção do ateísmo. E ela não descarta um dia mudar de posição, mas, de novo, por sua vontade. Detesta a ideia de ser rotulada para o resto da vida.

– Eu acho que sou atea por mim mesma, por ter visitado lugares, por ter conhecido religiões e por ter decidido por mim mesma que aquilo talvez não fosse verdade. Mas eu acredito que eu possa vir a acreditar algum dia, dependendo das circunstâncias. Eu não sou fechada pra nada.

**VIRGINIA ROWLANDS:  
ATEIA, MADURA E REBELDE!**

Leonardo Pimentel

*“Quando a idade chega, as pessoas se apegam a deus  
por um simples motivo: cagaço!”*



O relógio em frente à estação Tamandateí, localizada na linha Verde do Metrô de São Paulo, marcava 18h12, quando de longe, avistei uma mulher com blusa preta decotada e ombros abertos, um short curto de tecido leve, estampado com flores verdes e vermelhas e um tênis preto de academia, com o detalhe chamativo de uma meia rosa de corações. O cabelo com corte inovador (raspado da metade da cabeça até a nuca na parte de cima) pode até fazer os mais conservadores desconfiarem que Virginia Rowlands seja uma mulher de 54 anos. Apenas algumas rugas no rosto e fios de cabelo branco indicam que se trata de uma mulher madura. Com o celular na mão, ela me aguardava, olhando para os lados em busca de algum sinal:

– Virginia? – indaguei.

– Oi, Leonardo? – perguntou, curiosa.

– Isso mesmo! Tudo bem? – respondi.

– Tudo ótimo! Vamos? Meu carro está parado ali na frente – disse ela, enquanto apontava para um Escort vermelho.

No banco da frente estava sentada Stephany – ou como gosta de ser chamada – Stel. A mulher com quem Virginia é casada há cinco anos. Entro no banco de trás do carro, me apresento à Stel. Virginia entra logo em seguida e liga o veículo. Estamos a caminho “da bagunça delas”, como diz Virginia (se referindo a casa das duas). No carro a meio tom, tocava uma música na rádio Alfa FM, uma melodia que deduzo ser dos anos 80. Durante o percurso, que não durou mais de 20 minutos, Virginia me explicou – melhor até mesmo do que um guia

turístico – sobre as características do Tamanduateí, de São Caetano e do Jardim Patente, local onde mora, e que para as pessoas mais íntimas é conhecido como “Jardim Sapatente”, em referência ao número de mulheres lésbicas que residem no bairro.

Chegamos. Era uma casa grande, com dois portões basculantes brancos e vazados de entrada. Stel abre um portão social por onde entramos pela garagem e seguimos em direção à porta de entrada. Ao abrir a porta, Bruno, um menino de 8 anos, cabelos pretos e olhos curiosos, nos recebe. Para Virginia ele é um verdadeiro artista, pois ama cantar, dançar e se expressa lindamente com os seus vibratos quase que profissionais. Atrás dele, sentada em um sofá de seis lugares está Ana Julia, de 12 anos, a irmã mais velha de Bruno. A menina tem um cabelo longo encaracolado de dar inveja. Parece mais tímida que Bruno, ou, como descreve Virginia, mais introvertida e reservada. Mas logo abre um sorriso ao ver as mães chegando. A sala também é espaçosa, com um mobiliário, em sua maioria, feito em mogno, dando um ar mais retrô ao ambiente.

Virginia é mãe biológica somente de Ivan, um rapaz de 29 anos, fruto de seu primeiro e único casamento heterossexual, mas tem como filha de coração, Karen, uma mulher de 34 anos, que é sobrinha do ex-marido e mora com ela nos fundos da casa. Já Bruno e Ana Julia são filhos biológicos de Stel, que vieram para preencher o coração e a casa de Virginia, que nunca se imaginou sendo mãe. Contudo, hoje é o que mais gosta de ser.

Já aproveitei para perguntar ali mesmo na sala, como Virginia costuma lidar com questionamentos religiosos vindos dos filhos pequenos. Ela me diz que sempre foi muito aberta com eles e me relata algumas histórias interessantes.

Um dia, Ana Julia viu uma matéria na televisão sobre a queda de uma árvore devido à forte chuva que tinha dado no dia anterior. Ao ver a árvore caindo, a menina questionou a Virginia o porquê de aqui-

lo ter acontecido e Deus não ter feito nada. Virginia então decidiu ser mais didática. Sugeriu que a menina subisse quatro degraus da escada (que leva para os quartos da casa), avisasse à Deus que iria pular de lá e que era para Ele lhe segurar. Curiosa, a garota disse que se machucaria caso fizesse aquilo. Então Virginia a explicou.

– É isso filha, esse deus concreto que você está imaginando, ele não existe.

Outro caso aconteceu com Bruno. Em uma noite, antes de dormir, o garoto foi ao quarto de suas mães e perguntou se, caso ele rezasse antes de deitar, os pesadelos desapareceriam. Como sempre foi muito franca com ambos os filhos mais novos, Virginia respondeu:

– Filho, mesmo você rezando, os pesadelos hão de continuar.

Virginia me conta que muitos desses questionamentos surgem na escola. A relação com os amigos (que em sua maioria são cristãos) faz com que as crianças perguntem muito sobre Deus e religião, uma vez que, dentro de casa, elas não possuem ensinamentos voltados a questões de fé.

Inclusive, o episódio mais recente envolvendo questionamentos religiosos, por parte das crianças, aconteceu no dia de Cosme e Damião (dois santos, originalmente, do catolicismo, mas que foram atribuídos a cultura do candomblé e da umbanda). Nesse dia, algumas pessoas que seguem as religiões de matriz africana distribuem doces para crianças em homenagem aos santos, que, segundo a história, são filhos de Xangô e Iansã. No entanto, algumas pessoas julgam essa prática como uma prática pagã. Foi o caso da amiga de classe de Ana Julia. Ao ver um homem distribuindo doces para as crianças, a colega disse que aquilo era “docinho do demônio”. Julia, ao chegar em sua casa, questionou a mãe sobre a fala da colega. Foi então que Virginia lhe disse:

– Julia, é melhor você dizer para sua amiga ter mais respeito pelas pessoas e suas religiões. Se ela não quer comer os doces, que não coma. Mas respeito é essencial.

Como sua própria mãe, Virginia sempre foi muito transparente com os filhos e acha que esse tipo de ensinamento regido por religiões, que vem de dentro da própria família, é uma crueldade para com as crianças.

Após conhecer os colírios da família e suas histórias com o divino, Virginia me leva até a área externa da casa. Um ambiente amplo, composto por uma churrasqueira, uma mesa de centro com uma toalha quadriculada vermelha e branca, uma bancada de mármore (imagino que seja para cortar as carnes do churrasco) e uma banheira. Sim, uma banheira de hidromassagem integra aquele lugar.

A parede de tijolos enfeitada com quadrinhos de rótulos de refrigerante e cerveja dão um ar boêmio ao local e me deixa mais à vontade. Duas caixas de papelão completas com latinhas de cerveja amassadas para reciclagem concluem o cenário típico de churrascos, festas de família, reuniões com amigos e, por que não, conversas sobre a vida, filosofias e religiões?

## **AS RAÍZES DE UMA VIDA SEM DEUS**

Nascida em 1965, no bairro do Cambuci, na região central de São Paulo, Virginia possui raízes italianas, alemãs e inglesas.

– Eu sou praticamente a sede da ONU (Organizações das Nações Unidas) – diz sorridente e acendendo um *Lucky Strike*.

Filha única, ela foi criada por uma família pouco convencional, pois, ao contrário do que se esperava para a época, eles não possuíam uma relação íntima com igrejas e religiões, mas tinham liberdade de escolha. Escolhiam no que acreditar ou deixar de acreditar. Ou seja, podiam acreditar em algo, caso quisessem, e quem não acreditava era respeitado da mesma forma.

– E mesmo assim eu sempre tive uma pegada forte de humanismo e de ética. Você não precisa ter um ser superior para te dizer o que é certo

e o que é errado, porque, afinal de contas, nós temos como saber o que é certo, e o que não é certo – explica, soltando a fumaça para longe.

Aos 8 anos, Virginia teve um de seus primeiros contatos com questões religiosas, quando na escola, como parte da grade curricular, teve o curso de catequese, que era necessário para fazer a primeira comunhão. Ela relembra o diálogo com sua mãe:

– Mãe, você tem que preencher isso aqui para eu fazer Catecismo.

– Mas o que é isso? – indagou a mãe.

– Eu não faço a menor ideia – respondeu.

Sua mãe lhe disse que poderia fazer o curso, explicando que, no Catecismo ela aprenderia sobre coisas de Deus, mas que não era preciso concordar e acreditar naquilo que era ensinado. Porém, o pior de tudo, segundo Virginia, era acordar sábado pela manhã para fazer o curso, ela me conta rindo.

Ela foi apenas duas vezes e não quis ir mais, inclusive, não fez nem a primeira comunhão. Aos 12 anos, a garota teve outra experiência que envolve o âmbito religioso. Suas amigas, que moravam no mesmo bairro, sempre se encontravam para jogar conversa fora e dar uma volta pelas redondezas do Cambuci. Virginia relembra com saudade dessa época.

– As meninas sempre queriam ir à padaria mais longe do bairro, porque o que importava era passear e conversar, e não comprar o pão.

Em um desses passeios, elas notaram que existia, ali no bairro, uma instituição chamada PL – *Perfect Liberty* (que existe até hoje). Uma religião de origem japonesa e que se baseia, assim como a maioria, em um regime monoteísta.

– Minhas amigas começaram a frequentar esse lugar. Tinha um ritualzinho e nós levávamos, sempre, uma nota de um real – relembra.

Sobre o dinheiro, Virginia diz que não se lembra para que servia, mas que se divertia em participar dos encontros, porque as pessoas que integravam a PL eram muito legais.

– Nós éramos crianças, então eu achava aquilo tudo muito divertido. Mesmo sem entender – diz, dando um trago no *Lucky Strike*.

Porém, os pais de Virginia, sempre muito avessos a religião, contestaram os motivos de a garota estar frequentando uma religião em que tinha que dizimar para poder participar.

– Virou um salseiro na minha casa. Meus pais já achavam que eu estava sendo arrastada para uma religião e que eu seria abduzida e levada para uma seara – completa, dando uma gargalhada.

Ainda adolescente, com 13 anos, perdeu sua virgindade com um cara que nem gostava, para que pudesse se sentir livre para amar outras pessoas. Isso tudo porque a virgindade, para ela, representava um forte símbolo do patriarcado. Na mesma época começou a trabalhar com sua tia, que era dona de uma empresa. Consegui um bico para que pudesse ganhar um dinheiro e não precisar largar os estudos – aliás, os estudos são de grande importância em sua vida. Mas ainda chegaremos lá...

Aos 19 anos decidiu sair de sua casa. Ela era uma jovem que vivia nos anos 70 e não concordava com o estilo de vida que levava com seus pais, sempre com horários muito rígidos, regras e limitações. A vida do lado de fora parecia mais interessante.

– Tudo que era diversão, era fora de casa, e tudo que era muito chato, era dentro de casa. Não dava para levar meus amigos e os horários eram meio rígidos – explica.

Ela relembra que na época, todos os seus amigos tinham o mesmo sonho: sair de casa. No colegial, Virginia não se preocupava com questões religiosas. O Brasil assistia a uma ditadura militar e ela não tinha tempo para pensar sobre questões superficiais. Precisava sobreviver em meio àquela barbárie. Nas escolas os jovens não estudavam sobre Sociologia e Filosofia. Pelo contrário. Aprendiam Educação Moral e Cívica e OSPB – Organização Social e Política Brasileira, que, segundo ela, não acrescentou nada na vida de ninguém. Virginia relembra o dia em que desafiou sua professora Laura, de OSPB, que em uma prova questionou qual era a origem da família.

– Eu já sabia que ela queria que eu respondesse o que ela tinha nos passado para decorar, mas eu tinha acabado de fazer um estudo sobre a origem da minha família, então eu escrevi uma folha frente e verso

de resposta, com todas as referências que eu tinha sobre o assunto – relembra, rindo de deboche.

Como já esperava, Virginia recebeu uma nota com conceito “E” – o que hoje equivale a uma nota muito baixa, com o seguinte comentário: “Quando não souber o que dizer, não enrole.” A adolescente, que até hoje se considera uma madura rebelde, levou todos os livros que havia lido e entregou para a professora, dizendo em tom sarcástico:

– Quando você estudar, você vai ler a minha prova.

Grande foi a confusão na diretoria da escola, com uma jovem que contestou sua professora, com estudos avançados, sobre a origem da família que fugia do que era esperado pela docente. Virginia sempre foi e continua sendo uma rebelde. Assim ela mesmo se denomina. Sempre gostou muito de estudar e questionar tudo ao seu redor, abominava os estigmas como: “o pessoal do fundão”, que eram os alunos vistos como incapazes. Fazia de tudo para eliminar esse preconceito dentro da sala de aula.

– Eu fazia questão de tirar as melhores notas para provar para os professores que isso era uma bobagem – relata.

Das aventuras no fundão da sala, aos dias atuais, Virginia carrega consigo amizades duradouras, com mais de 30 anos, e se orgulha em ter pessoas com quem ela pode compartilhar os seus momentos pessoais e profissionais.

## **RELIGIÃO E PROFISSÃO NÃO SE MISTURAM**

Sua vida profissional teve início com a realização de pesquisas de mercado, na empresa de sua tia, área em que trabalhou a maior parte dela. Começou como entrevistadora, mas também fez verificação, codificação, digitação, processamento e análises. Formou-se na escola e continuou estudando, conseguindo uma oportunidade de trabalho na Uni-

mes (Universidade Metropolitana de Santos), no pólo de São Caetano, onde pôde fazer sua faculdade gratuitamente, já que prestava serviços de pesquisa para a instituição. Formou-se em Ciências Políticas e Sociais, curso que julga não ser aplicável para sua vida profissional.

– Não dá para discutirmos aplicabilidade de Ciências Sociais em um país tão infeliz como o nosso – desabafa.

Abandonou a área de pesquisa de mercado para trabalhar com pesquisa de opinião, onde desenvolveu algumas campanhas políticas, inclusive a mais linda delas em sua visão, que foi a transição do governo Fernando Henrique Cardoso para o de Luiz Inácio Lula da Silva, em 2002. Com brilho nos olhos, Virginia relembra do momento em que viu o ex-presidente Lula ganhando.

– As pessoas choravam de alegria, tinham orgulho do que tínhamos nos tornado. Era lindo! Naquele momento, o que tínhamos era um sopro de liberdade, um sopro de vida! – diz com emoção, enquanto me encara nos olhos.

Depois de seu tempo na área de pesquisa, Virginia, que é vegetariana a mais de 37 anos, decidiu abrir seu negócio para valorizar a vida animal. Hoje, ela e Stel são donas de uma fábrica, a qual produz mercadorias à base de jaca (inclusive a famosa carne, consumida em peso pelas comunidades vegetariana e vegana) e fornece a matéria prima para grandes empresas brasileiras.

Virginia, como uma ateia de criação, relata como é ser uma pessoa sem religião, no âmbito profissional. Ela me conta que sempre foi muito incisiva com pessoas que tentavam lhe dar explicações religiosas para as coisas da vida.

– Pensa numa situação. Tá vendo esse copo? (E me aponta um copo que está sobre a mesa). Pois bem. Todos desejam esse copo. Aí você estuda pra conseguir o copo e o outro trabalha loucamente, 15 horas por dia vendendo algo, para poder ter o copo. Eu viajei o mundo atrás das respostas que poderiam me levar até o copo. Aí, de repente, aparece um evangélico e fala: “Se Deus quiser, eu vou ter o copo”. E aí a conversa encerra, sabe?

Nesse momento, Virginia aumenta o tom.

– Quando você tem uma relação teocentrista, acaba a conversa. Porque se der errado, foi porque deus não quis e, se der certo, foi porque deus quis também. E aí? Cadê que você conversa e você raciocina? – questiona, arrumando o coque da sua cabeça, que desmanchou, devido aos movimentos que fez durante a nossa conversa.

E ainda complementa:

– Portanto eu sou obrigada a tirar deus da roda, porque deus me atrapalha... Mas que nenhum evangélico me escute – diz, com um sorriso debochado. – Você pode pensar do jeito que quiser, mas me fale o seu próprio pensamento, porque eu ainda não consegui entrevistar deus para que ele me dê respostas! – conclui, dando um trago no cigarro quase apagado.

Virginia comenta sobre quando saía de São Paulo e tinha que viajar a trabalho para fazer pesquisas em outros estados, como os da região Centro-oeste do país:

– É impressionante o tamanho do fundamentalismo. É assustador! Em Goiás ou no Tocantins, aquele cara bacana, que estava na esquina fumando maconha, quando ele senta pra conversar, você descobre que ele é da igreja... Isso não combina! – afirma.

Nesse momento, Virginia traz à tona a influência negativa que o atual governo traz para os não crentes.

– Nós ateus, começamos a ser desrespeitados nos primeiros 30 segundos de governo Bolsonaro. Quando ele foi eleito, a primeira coisa que ele resolveu fazer foi uma oração. Desrespeitando não só a mim, mas a Constituição, que nos garante um Estado laico e que garante a liberdade de crença que diz que eu também posso não crer! – explica.

## **LITERATURA SAGRADA: O WHATSAPP DE JESUS**

Como não podia perder o gancho da conversa, perguntei a ela sobre as leituras religiosas que tinha feito, tais como a Bíblia ou Alcorão. Foi aí que me veio a surpresa. Virginia atuava como supervisora de

pesquisa de campo em um instituto, cuidando de uma equipe. Nesta equipe havia um rapaz mórmon, que era apaixonado por ela e dizia que ela também era apaixonada por ele (nesse momento, Virginia solta uma gostosa gargalhada). No auge da paixão unilateral e platônica do rapaz, ele deu a Virginia uma bíblia dos mórmons, livro que ela leu, não para aprender, mas para mostrar a ele que ela poderia discutir os assuntos tratados na obra.

Isso me lembrou o caso da professora Laura. Assim como aconteceu naquela época, Virginia me conta que, não apenas leu todo o Livro de Mórmon, bem como entendeu as questões só para contestar as ideias com ele.

– Meu, a história começava com José e Maria pegando um barquinho, lá no Oriente Médio. Eles atravessam o Oceano Atlântico a remo e chegam nos Estados Unidos. Não foi pelo Oceano Pacífico, foi pelo Atlântico... ondas! – diz, fazendo um gesto de ondas com a mão.

Outra história com livros sagrados aconteceu, quando ela se separou do terceiro casamento e reencontrou uma amiga de anos – da época do colégio – que havia se convertido para a igreja batista. Durante o encontro, a amiga disse que Deus tinha dito algo para ela e Virginia, sem papas na língua, soltou:

– Desculpa aí, né meu, você tem o celular do cara, eu não tenho... No próximo encontro o que eu ganhei? O celular de Jesus – completa em tom sarcástico.

A garota lhe deu uma Bíblia, que ela considera uma Bíblia de gente burra, pois o livro vinha marcado com o que era “essencial” para leitura. Caso Virginia não tivesse tempo ou interesse de lê-lo por completo, era só decorar as partes em vermelho que já era o suficiente.

– Naquele momento eu me senti tão subestimada que eu nem quis mais sair com ela! Pelo menos eu ganhei o celular de Jesus, que sei lá onde está agora... – completa, rindo em alto tom.

Um outro caso ocorreu quando Sônia, mãe de Virginia, ganhou de sua tia uma Bíblia de capa branca com letras douradas, grafada em

papel de seda. Porém, a Bíblia só serviu como decoração para a família, pois, assim como Virginia, sua mãe não acreditava em Deus e em religiões. Três anos depois, a tia de Virginia foi a sua casa e pediu para ver a Bíblia. Ela teve um chlique, quando viu que o livro estava menosprezado. Porque depois de tantos anos, para ela, a Bíblia tinha que estar muito usada, com a capa suja, como se tivesse sido muito lida.

– Eu fiquei chocada – diz Virginia.

Quando se trata de família, Virginia sempre foi muito solícita, inclusive quando sua avó, cujo apelido é Oma (ela era extremamente católica), chamou-lhe para acompanhá-la em uma missa na igreja.

– Ela infernizava tanto a minha mãe, que eu tive que ir à igreja com ela! – lembra com um olhar de saudade.

Chegaram à igreja, sentaram-se nos primeiros bancos.

– Era um tal de levanta e senta, e eu não sabia muito bem o que fazer. Minha avó me disse para olhar para os lados e imitar o que as pessoas estavam fazendo. Afinal de contas eu não sabia nada – relata.

Durante a missa, Virginia se lembra do sermão do padre.

– Na quinta palavra eu já dispersei, olhei para o teto, olhei para o outro lado, já querendo ir embora. Pensei: quero fumar um cigarro.

O sermão continuou e Virginia olhou para o lado. Viu sua avó babando no banco. Nesse momento ela soltou uma gargalhada, lembrando da cena. Voltaram para casa e sua avó lhe deixou em paz por um tempo, mas voltou a falar sobre ela ter que ir a igreja.

– A “Virginha” precisa ir à igreja de novo comigo – diz imitando sua avó de origem alemã, que não conseguia falar seu nome corretamente.

– Não vou não, Oma – respondeu.

– Como assim não vai à igreja? – questionou Oma.

– Não vem ao caso. Pra gente ir à igreja e você dormir lá, a gente dorme aqui, é muito melhor! – respondeu a neta rebelde.

Depois disso, Oma nunca mais a chamou para ir à igreja. Tendo sempre uma relação de muito carinho e afeto com sua família, Virginia re-

lembra com saudade dos familiares que a vida levou para longe. Perdeu seus pais e três dos seus avós ainda muito jovem, antes dos 30 anos. A morte sempre foi algo que a incomodou e isso se intensificou com o passar dos anos. Aos 42 perdeu sua querida avó Oma. Recentemente se despediu de sua ex-sogra, que considerava como uma segunda mãe.

– A vida me ensinou que, quanto mais velha eu fico, mais me doem as perdas... Conforme a vida vai passando, essas perdas ganham outro significado, por que você perde as conexões que você tem com as suas raízes – explica emocionada.

Com lágrimas e nó na garganta, Virginia me diz que percebe que as pessoas que mais a conheceram estão indo embora. Isso causa uma sensação de solidão. Principalmente em saber que não pode recorrer a sua mãe ou a sua avó para relembrar momentos felizes. Hoje, Virginia é raiz! – como descreve:

– Quando eu era pequena, eu era folha. O tempo foi passando e hoje eu sou raiz. Isso é uma coisa cíclica, que pode parecer poética, mas é fodida de pesada! – comenta acendendo outro cigarro *Lucky Strike*.

## **JUSTIÇA DIVINA: UMA TREMENDA BOBAGEM**

Ao falar sobre como lida com a morte, Virginia me abriu um lado de seu emocional que eu ainda não tinha visto durante nosso encontro, foi então que começamos a conversar sobre justiça divina e ela me explicou – com seu jeito direto e reto – sobre o que pensa a respeito desse conceito:

– Acho uma tremenda bobagem! Se existisse justiça divina, quantas seriam as injustiças que esse mundo não teria vivido? – questiona.

Eis que então, ela relembra um dos momentos mais marcantes – infelizmente – da história universal, para ilustrar a nossa discussão.

– Milhões de judeus sendo exterminados em fornos de incineração... Onde estava a porra da justiça divina? – me pergunta em alto tom.

– A grande questão da justiça é pessoal e intrasferível. A justiça se cumpre quando eu estou em paz – reforça.

Para ela, esse papo de justiça divina é balela, e aquele famoso ditado – aqui se faz, aqui se paga – se aplica no nosso dia a dia. Ao fazer o melhor por uma sociedade, para sua família e a todos em sua volta, ela se sente em paz. Isso é suficiente para deixá-la com a consciência tranquila de que está sendo justa sem depender que alguma divindade faça isso por ela.

– Eu continuo tentando fazer o meu melhor, tentando fazer coisas legais, tentando ter a melhor vida que eu puder e deixar o melhor legado que eu puder para as pessoas que eu amo. Se isso não for suficiente a deus... Lamento! – desabafa.

Virginia ainda utiliza o exemplo de Sodoma e Gomorra – duas cidades bíblicas que, segundo o livro de *Gênesis*, do Antigo Testamento, foram destruídas pela ira de Deus com fogo e enxofre, devido ao excesso de pecado que possuíam os habitantes das duas cidades – para dizer que essas histórias são o mesmo que os contos da Marvel e da mitologia grega. Considera todas elas apenas como mitologias cristãs.

– Não me venha falar que o céu abriu e que deus desceu. Não aconteceu cara! – afirma, dando um leve soco na mesa.

Eu ia continuando a conversa, quando Virginia me interrompe para ir ao banheiro. Nesse meio tempo, observo Stel brincando com Dorothy, uma cachorrinha vira lata com três meses de vida, de pelos claros e olhos pretos, que foi adotada pela família recentemente.

Virginia retorna do banheiro e acende mais um cigarro para continuarmos a conversa. Tornamos a falar sobre as religiões e suas interferências na vida em sociedade. Ela acredita que toda a religião é envolta por princípios éticos e morais, e que, acima de tudo, o que sempre prevalece é o amor. Inclusive, já visitou diversas religiões para estudar o que poderia lhe agregar na camada ética e moral, no entanto, a única que não frequentou foi a evangélica, pois afirma que não entra em locais onde não é aceita.

Virginia diz que não poderia ser de muitas religiões por não poder ser quem é em sua plenitude. Ela diz que jamais usaria saia para entrar na igreja ou frequentaria uma instituição que não aceita homossexuais. Sobre o catolicismo, Virginia diz, com ironia, que é uma opção descartada, pois é adepta ao uso de anticoncepcionais.

– Eu fui expulsa de muitas religiões antes mesmo de considerá-las. Portanto eu não posso seguir nenhuma dessas doutrinas sem ser hipócrita e isso é uma coisa que eu não serei! – explica.

– Quando alguém diz “para deus te amar, você tem que ser dessa tal forma” ... Isso já acaba com o conceito de amor ao próximo pregado pelo deus deles. Então isso não dá para mim! – afirma.

Para ela, o único jeito de ser uma pessoa religiosa e seguir os dogmas e práticas da religião sem ser hipócrita, é você não perceber as contradições que circundam o universo da religiosidade. Nesse momento, relembra que sua tia – aquela que deu uma Bíblia a sua mãe – dizia que o livro sagrado devia ser respeitado, não discutido, e reafirma:

– Eu acho que religiões foram feitas para dominar populações. Isso não dá pra mim!

As únicas religiões que Virginia se recorda de ter sido respeitada, foram nas de matrizes africanas (umbanda e candomblé) e no espiritismo. Porém, continua sem acreditar no poder das divindades que regem essas crenças. Como uma mulher madura, diferente das mulheres de mais idade, ela não acredita em Deus, mas entende que as pessoas, quando vão ficando mais velhas, se apegam a divindades e religiões por medo da morte. Medo do que está além do conhecimento humano.

– Quando a idade chega, as pessoas se apegam a deus por um simples motivo: cagaço! – afirma.

Nesse momento ela lembra a morte de seu pai. Um homem totalmente cético, que tinha aversão a qualquer tipo de crença. Sidney Rowlands foi diagnosticado com um câncer na laringe em estágio avançado. Um amigo que ela tinha na época conhecia um

médico espiritual que fazia atendimentos em Atibaia – um dos municípios do Estado de São Paulo, e sabendo da doença de seu pai, seu amigo lhe perguntou se ela gostaria de levá-lo para ter uma experiência com esse tal médico.

Conhecendo o pai que tinha, Virgínia logo descartou as possibilidades perante a proposta do amigo. Contudo, tentou conversar com o Sr. Sidney para ver qual seria sua reação.

– Olha pai, eu sei que o Sr. não acredita em nada disso, mas tem um médico que faz trabalhos espirituais em Atibaia. Você não quer visitá-lo? – perguntou a seu pai.

– É claro que não! A vida inteira eu disse que deus não existe e agora que eu estou na berlinda eu vou lá pedir por socorro? Uma merda! – respondeu o pai, com veemência.

Sidney sempre foi muito claro a respeito do que achava sobre Deus, religiões e coisas divinas. Muitas dessas opiniões ainda circundam a vida de Virgínia nos dias de hoje. Assim como seu pai, ela acredita que as pessoas vão se apegando a certas coisas durante a vida com medo do que virá depois da morte e esse medo ela também sente, porém de outra forma.

– Eu também tenho medo de morrer! Mas não porque eu vou para o inferno. Eu tenho medo de morrer porque eu não vou saber o fim do meu seriado favorito, porque eu não vou estar com a minha família... Essas coisas me importam. O que vai acontecer depois não me interessa – afirma.

Sempre com o pé no chão, ela acredita que o tiver que acontecer depois que ela partir, vai acontecer. Inclusive, Virgínia traz à tona uma prática muito comum em algumas igrejas: a venda de um pedaço do céu, coisa que ela considera absurda.

– Como uma pessoa compra um pedaço do céu e chega lá não tem o céu? Isso é um dos maiores absurdos! – afirma.

Como sempre defendeu a liberdade, ela diz que as pessoas se aprisionam aos costumes das religiões e perdem a oportunidade de viver

livremente, uma vida plena e cheia de realizações. Nesse momento, recorda-se de sua vizinha que adorava jogar buraco – típico jogo de baralho – no entanto não o fazia, porque a religião não permitia.

– Ela sofria tanto por isso! – relembra.

– Ela me dizia: “Eu não posso jogar buraco, porque eu vou perder o céu que eu conquistei.” Eu acho isso de uma canalhice, de uma desonestidade com o ser humano... – diz, enquanto acende o último *Lucky Strike* do maço.

Virginia é ainda mais incisiva quando tocamos no assunto do dí-zimo pago pelos fiéis, e menciona que os grandes líderes religiosos, são grandes manipuladores da massa populacional que não sabe o que fazer da vida.

Inclusive, afirma que em países onde a equiparação social é mais equilibrada, a sociedade é também mais atea, como a Holanda, Dinamarca e Islândia. Ela me explica que nessas sociedades, a igreja tem o seu devido lugar, que é dentro de um templo. Sendo assim, as regras e lições da religião não interferem na vida política e social daquelas comunidades europeias. Um mundo que seria o ideal para Virginia.

Antes de fazer a última pergunta, ela olha para o relógio, que marcava 20h37, e me avisa que em meia hora, ela e Stel teriam que sair para um encontro com as amigas do Jardim Sapatente. Então, já me adianto e pergunto a ela sobre o que ela quer deixar como seu legado em vida e como gostaria de ser lembrada por seus entes.

Hoje, sendo uma mulher madura, não só por ter 54 anos, mas por ter vivenciado uma vida fora da curva, Virginia acredita que o sentido de sua vida é, e sempre foi, deixar um legado memorável para aqueles que a amam. Acredita também que, quem constrói o nosso futuro somos nós. Para ela, essa coisa de destino é uma desculpa para colocar o acaso como dono da razão e distrair o nosso olhar para um mundo que, cada vez mais, nos tira o direito de sermos livres. Seja por meio de uma lei, de um costume ou de uma religião.

Como mãe de quatro filhos, o seu principal objetivo é deixar tudo em ordem para que Ivan, Karen, Bruno e Ana Julia possam viver da forma mais confortável possível. Como socióloga de formação, ela defende os direitos humanos e, acima de tudo, faz o bem, não só para os seus próximos, mas para todos ao seu alcance.

– Essas ações fazem com que você dê sentido a sua existência! – afirma.

Uma mulher madura, lésbica e ateia. Mãe de quatro filhos, que julga serem os seus maiores presentes em vida. Virginia Rowlands quer ser lembrada como uma passageira, que deixou sua alegria em vida para que, seus familiares e amigos possam olhar para trás e ter onde enxergar uma luz de esperança em uma sociedade que caminha para o esquecimento.

**EDMAR LUZ:  
POLÍTICO E ATEU**

Yago Rossetto

*“A meu ver, deus é um placebo universal em desuso”*



**E**m meados de 1960, o vilarejo de Conceição, próximo à cidade de Almenara, em Minas Gerais, enfrentava uma grande seca. Um tempo de pobreza, que tornava a sobrevivência de seus habitantes difícil, levando-os a lutar por melhores condições de vida. As pessoas precisavam se apegar a algo que transformaria tudo. A fé era um elemento vital nesse sentido. O clima do município era uma loucura, um calor absurdo, com raros momentos de chuva. Os ventos, incredivelmente, pioravam o mormaço típico do local. A população, em companhia da igreja, organizava muitas novenas e romarias, com a esperança de que o milagre da chuva acontecesse. No entanto, nenhuma manifestação milagrosa ocorria. Em meio a isso, havia um menininho que, desde cedo, questionava com a sua mãe sobre o porquê de tudo. Seu nome é Edmar Luz de Almeida, hoje, com 59 anos.

Edmar vivia com seus pais e irmãos em um casebre simples. Seu pai trabalhava, enquanto a sua mãe cuidava do lar. Todos os dias observava sua mãe rezar para que tudo corresse bem, pela proteção de seus familiares e para que melhorassem de vida. Ano após ano, essa cena se repetia e nada mudava, fazendo com que mais questionamentos surgissem em sua mente. Certo dia, o menino acabou ficando de castigo por questionar o motivo de tanta reza, já que não havia nenhum resultado:

– Você tá rezando para quê? Seu deus não existe! É só ver que nada funciona. Você sempre pede para chover e não chove – diz.

Edmar nunca ficou satisfeito com as respostas prontas que recebia e, insistia ainda mais, até seus pais perderem as estribeiras. Toda essa

situação o impulsionou a lutar para que suas ideias fossem ouvidas e para que os não religiosos tivessem visibilidade na sociedade. Começou a pensar que, um dia, poderia ocupar uma posição na política.

Ele não imaginava, no entanto, o que o aguardava. Não podia prever que este sonho poderia se tornar realidade. Hoje Edmar é político, filiado ao partido Rede Sustentabilidade.

A imagem que vem a cabeça quando fala sobre sua mãe é a de uma mulher de quase 90 anos, bastante religiosa e que muitas vezes o obrigava a frequentar a igreja, mas sem nunca deixar de amá-lo, mesmo ouvindo “nãos” de Edmar. Ele foi o único de sua família que não fez a primeira comunhão e a catequese. Desde cedo, acreditou que a fé não tinha nada a ver com ele e que havia nascido ateu, apesar de estar sempre rodeado de amigos religiosos e até mesmo ter se relacionado com namoradas que tinham fé em algo.

– Isso nunca me afetou, até porque não fazia diferença para mim. Eu me sentia diferente e via que minha vida era diferente, pois tinha convicção que no lugar de reza, de frequentar a igreja, fazer uma romaria ou uma novena, o que mudaria minha situação era o estudo – declara.

## DILEMAS DA JUVENTUDE

Assim como Edmar era com os seus familiares, era na escola. Questionamentos e mais questionamentos surgiam quando o assunto crença era citado na sala de aula. Ele sempre foi atrevido, não pensava duas vezes em levantar a mão e debater quando afirmavam sobre a existência de uma só verdade. Aos 8 anos de idade, começou a trabalhar, já que queria melhorar as condições de vida de sua família. Para isso, mergulhava profundamente nos livros, onde após ver alguns exemplos no vilarejo em que morava, obteve a convicção de que não era a religião que iria ajudá-lo, mas sim o estudo.

Passou a infância ouvindo sua mãe contar histórias religiosas, tentando levá-lo à força para a igreja e até mesmo rezar à força. Ela acreditava que pelo seu filho ter nascido no mês de junho tinha como san-

tos protetores Cosme e Damião. Por muitas vezes Edmar foi levado obrigado pela mãe até o quarto de seus pais, onde se encontrava uma gravura dos santos. Era forçado a colocar as suas mãos sobre ela e fazer uma reza. Achava isso muito estranho e, quando isso acontecia, a sua primeira reação era de deboche, dizia que era apenas uma gravura, fazendo com que sua mãe ficasse cada vez mais indignada.

Após levar uns cutucões de sua mãe, a ouvia dizer:

– Não menino, para com isso! Você tem que respeitar o santo!

Por muitas vezes, foi compelido a ler algumas partes da Bíblia, contudo chegou à conclusão de que não passava de um livro histórico, inconsequente e ilógico. Quando pequeno, Edmar pedia para que a mãe contasse mais de uma vez a história de Jonas na barriga da baleia, e ele ria muito ao ouvi-la.

O menino questionava incansavelmente sua mãe sobre como isso era possível. Ela tentava explicar, mas em nenhuma das vezes obteve sucesso.

– A Bíblia é um livro que realmente não me agrada, pois tem muita violência, maldade e por isso não recomendo nem para menores – opina.

Durante esse período, sentiu-se pressionado por alguns comportamentos religiosos das pessoas que o rodeavam. Muitas vezes quando ocorria algo certo em sua vida ninguém comentava nada, mas ao acontecer algo errado, todos diziam:

– Viu? Se você tivesse rezado...

Ele destaca:

– Engraçado que quando você se reconhece como ateu, e consegue fazer algo correto ninguém fala nada...

Este é um comportamento típico de religiosos para se auto afirmar e, geralmente, está ligado ao lado negativo.

– Nessa fase, tinha esses fatos corriqueiros de não passar em uma prova ou de não conseguir alguma coisa, meus familiares e amigos diziam: “tem que rezar” e tentavam massacrar aquela coisa psicológica do: “Você não conseguiu porque não rezou” e eu sempre desdenhei disso – diz.

Na época da juventude, o ateísmo de Edmar chegou a ser visto como charme, o que ajudou com que ele conquistasse algumas namoradas. Seus olhos brilham ao comentar das pessoas que o rodeavam em sinal de grande apreço. Ele sempre foi uma pessoa bastante cativante e não se importava se o seu círculo de amizades compartilharia das mesmas ideias que ele. Recebeu inúmeros convites por parte de seus amigos para frequentar a igreja, centros espíritas, entre outros lugares. Certa vez, um de seus amigos pastores insistiu tanto no convite para ir à igreja, que Edmar aceitou. Ao final do evento, foi questionado se tinha sentido algo e respondeu com um ressoante e categórico: “Não!”. A mesma situação ocorreu quando visitou um centro espírita. Esta questão também tem seu lado chato. Acabou perdendo alguns amigos quando estes descobriram que ele era ateu.

– Já ajudei muitas pessoas que não sabiam que eu era ateu, e quando descobriram deixaram de falar comigo. Foram vários casos. Quando eu realmente assumi a minha militância com viés político e tomei um posicionamento mais firme em relação a isso, perdi muitos amigos. O que é uma pena – diz.

Enquanto viveu em Conceição na década de 80, percebia que o número de pessoas sem religião era ínfimo, se comparado ao percentual de religiosos, desde católicos até evangélicos e testemunhas de Jeová. Percebeu também, que este número vinha crescendo lentamente.

Se por um lado ser não religioso lhe rendia um certo charme, por outro era visto como um E.T, isto é, um ser estranho que vinha de outro planeta. Nas reuniões familiares, como Natal e Páscoa, era onde isso se tornava mais nítido, já que todos esperavam algum comentário ou brincadeira sarcástica. No entanto, para ele era como qualquer outra festa, onde ele comia e bebia com as pessoas que gostava.

Dos anos 90 pra cá, houve um aumento no número dos televangelistas (pastores que possuem programas em meios de comunicação) em emissoras de rádio, TV e sites evangélicos. Por isso, o aumento da doutrina neopentecostal, com o projeto de poder evangélico no âmbito público do país, o pen-

samento conservador e a ampliação do discurso de ódio e discriminação aos grupos não religiosos, é significativo. Um levantamento feito pela Fundação Perseu Abramo, de 2008, mostra que 42% dos brasileiros admitem sentir aversão aos descrentes. Destes, 17% declararam sentir ódio ou repulsa e 25% antipatia. Ao pensar nisso, Edmar se mostra indignado.

– Os ateus de hoje em dia não se manifestam, mas estão mascarados e além disso, a grande maioria não professa publicamente a sua não crença e quando o faz, ninguém sabe o que é... As pessoas irão discriminar o que não conhecem? – opina.

Entre os grupos não religiosos, o que Edmar chama de discriminação velada também ocorre, isto é, quando um não religioso é assediado moralmente e se cala diante deste ato.

Para ele, a omissão perante a discriminação velada é uma covardia e acontece tanto de crentes para ateus quanto de não religiosos para não religiosos. Isso é nítido quando se refere, por exemplo, em saudações a divindades realizadas em eventos, e o indivíduo tem receio de dizer: “Não, obrigado! Eu sou ateu!” e acaba desvalorizando o direito à liberdade de credo e religião, garantido pela Constituição Federal e pela Carta aos Direitos Humanos.

## **DA CONVICÇÃO À MILITÂNCIA**

Desde muito cedo, Edmar se encontrou convicto no ateísmo e acredita que este é um dos problemas dos ateus de hoje em dia, muitas vezes, por medo de uma retaliação, de perder amigos ou ficar mal com algum familiar, o indivíduo não confessa a sua crença ou a ausência dela. Para Edmar, a esperança está nos jovens, já que acredita que estes são fortes e não têm nada a perder se declarando como ateus. Edmar, por exemplo, já se sentiu, por muitas vezes, desrespeitado por religiosos que sentem a necessidade de te convencer a ter a mesma fé que eles e utilizam a invasão de privacidade para isso.

A necessidade do respeito se sobressaiu ao seu comodismo e acabou gerando uma metanóia – mudança essencial de pensamento ou caráter – nas pessoas ao seu redor. De acordo com Edmar, o que ocorreu foi que, ele educou seus familiares a respeitar, compreender e acolher o não religioso. Pode-se citar como exemplo, o fato de seus parentes que seguem alguma religião indagá-lo se podem ou não fazer uma reza ou oração por ele.

– Eu não me importo com nenhum religioso que fale assim pra mim: “Olha, eu sei que você é ateu, mas eu posso rezar por você?” Se o que você tem de bom para me dar é uma reza ou uma oração, não tem problema, pois está sendo dada com carinho. Só não gosto quando há a imposição de algo – diz.

Um dos momentos que marcaram bruscamente a sua vida, foi durante o seu casamento, quando sua esposa que era religiosa manifestou o desejo de que sua filha estudasse em um colégio religioso e lá fosse catequizada. Depois de muita conversa, chegaram a um consenso e ele concordou. Tinha o hábito de ler histórias todas as noites para sua filha ao chegar do trabalho. A caminho do quarto da filha, começou a ouvir um choro angustiante e correu em direção ao cômodo. Quando chegou na porta, avistou a menina com uma “Bíblia júnior” na mão, chorando copiosamente, pois estava se sentindo culpada pela morte de Cristo. Ele permaneceu no quarto das 21h até às duas da manhã consolando a filha. Esse episódio fortaleceu ainda mais a convicção de Edmar no ateísmo e o revestiu de ousadia para que entrasse de cabeça na militância ateuista.

– Eu sou descendente de portugueses e cresci num ambiente onde a religião sempre esteve presente com uma força muito grande. Observava minha mãe, todos os dias às 18h, ela parava tudo o que estava fazendo para colocar um copo de água e se prostrar para ouvir a oração da ave maria na Rádio Tupi. Ela sempre foi muito religiosa e eu combati isso nela, o que muitas vezes gerava atritos entre nós – disse ele.

## VAMOS À LUTA!

Edmar mostrou ser perseverante e firme em seus ideais desde cedo. Na época em que residia em Conceição, o lugar ficou conhecido por ter um dos números mais altos de mortalidade infantil, além de ser uma região de extrema pobreza, sem água encanada, estradas asfaltadas e até mesmo luz elétrica. Após acreditar que o que poderia levá-lo a uma transformação de vida era o estudo decidiu se dedicar a isso. A firmeza de entender que não há nada sobrenatural e que tudo depende da ação e força do próprio indivíduo, transformou sua vida e o fez conquistar praticamente todos os seus objetivos.

– O ateísmo me salvou e me fez quem sou hoje. A minha descrença em uma divindade, foi o que me fez vitorioso e me tirou de um lugar que era no fim do mundo. Foi isso que me levou, aos 18 anos, a morar em uma pensão em Belo Horizonte para estudar. Depois fui para São Paulo, sem dinheiro, com medo e sem parente algum para me amparar. Foi isso também que me trouxe onde estou hoje, com uma família estruturada e feliz. O milagre da melhoria de vida não está nas mãos de alguma divindade ou no sobrenatural. O milagre está nas minhas próprias forças – destaca.

O acesso à informação tem facilitado a vida das pessoas além do âmbito do estudo, chegando até o pessoal, acarretando no crescimento da ciência e das pesquisas. Com o avanço da área da informação, a exposição ateísta daqui a alguns anos se tornará bastante natural mesmo que comece aos poucos. A compreensão de mundo de Edmar é que todos nascem ateus, mas alguns são capturados e catequizados pela religião independente da vertente, enquanto outros não. Há uma grande maioria que foi capturada, porém, depois de um tempo, cai em si e volta para as suas raízes ateístas. Há também pessoas que nascem ateias e não olham para a esquerda ou para a direita, até o fim de sua vida, permanecendo na sua convicção.

– A meu ver, deus é um placebo universal em desuso. Com a evolução, a humanidade deixará de se apegar a essa busca ilusória – enfatiza.

Um dos pontos mais falados quando se trata da religião é o pontual: “ide e fazei discípulos”, que está presente no capítulo 28, versículos 19 e 20 do *Evangelho de Mateus*, quando Jesus ordena que aqueles que creem devem sair pelas nações e anunciar o seu nome para todos, independentemente de faixa etária, credo, raça, orientação sexual, etc.

Para Edmar, além de falta de respeito, isso fere o direito de livre consciência e, quando se trata das crianças, pode ser considerada como uma violência e até mesmo abuso infantil. Segundo ele, catequizar uma criança, é encher a cabeça dela com fantasmas religiosos e isso pode trazer vários traumas. Entre os conhecidos de Edmar, há pessoas que cresceram em família extremamente religiosa e, ao se tornarem adultas, entraram em parafuso por perceberem que não era aquilo mesmo.

— As pessoas possuírem a sua fé ou a sua religião é um direito legítimo, mas até que ponto está o direito de um pai, padre ou pastor de impor isso sobre uma criança? Acredito que a Bíblia é formada apenas de histórias e, quando você pega essas histórias e as coloca na mente em formação de crianças, essa carga pesada sobre os ombros delas pode vir a se tornar bastante prejudicial — opina.

Além disso, um dos dogmas da religião é que existe somente uma única verdade, e quando isto é passado para uma criança, ela está sendo treinada a crer sem questionar, o que pode ser altamente perigoso e capaz de transformá-la num adulto manipulável. Ele acredita que o criticismo é fundamental para a sobrevivência de qualquer indivíduo e lembra que, mais uma vez, o ateísmo o salvou nesse sentido, possibilitando-lhe o senso crítico, evitando que ele se tornasse alguém que acredita em tudo o que ouve das pessoas.

Segundo Edmar, há um fato que está em curso que dará mais força para o movimento ateuista, que é a onda de *fake news* no Brasil e no mundo. Na opinião dele, a população que mais deposita confiança nessas falsas notícias é aquela que foi catequizada, tendo sido ensinada a crer sem questionar. Geralmente, isso se dá pelos valores e tradições passados de geração em geração pelos familiares.

Graças a esse movimento, o debate tem se tornado constante e levado às pessoas a questionarem todos os fatos que veem, ouvem ou recebem via terceiros, e isto tem sido benéfico, em sua visão.

## O INÍCIO DA VIDA POLÍTICA

Edmar, além de ateu, tornou-se militante da causa no campo político (inclusive, o *slogan* da sua candidatura em 2018 era: “*Só criticar não basta! Ateus na política para fazer a diferença*”) e defende essa causa com unhas e dentes. Um dos temas que mais o deixa com a “pá virada” são aqueles estereótipos ou frases prontas, que as pessoas usam para se referir aos ateus: “Não existe ateu, existe à toa”, “só é ateu até o avião começar a cair” e “você é gente boa nem parece ser ateu”.

Uma das soluções para que a visibilidade dos ateus e o combate dos estereótipos ocorram de forma mais impetuosa seria, na visão de Edmar, que pessoas famosas ou de grande reconhecimento no país, que fazem parte dos grupos não religiosos, reconhecessem isso publicamente, mesmo correndo o risco de perder patrocínios, trabalhos, etc.

Um dos pontos que contribuiu durante a vida de Edmar para que militasse veementemente pela causa ateuísta, foi a desinformação da população. Segundo ele, por várias e várias vezes já o pegaram pelo braço e perguntaram: “Nossa, mas como é ser ateu? Me conta como é sua vida, eu nunca vi um ateu!” E isso o fortalecia ainda mais para que permanecesse nessa luta.

– A diferença da militância ateuísta é que ela não vai pra cima das pessoas com palavras de ordem, ofensivas ou com agressividade. O intuito é levar informação para que as pessoas compreendam que o não crente não é um alienígena – explica.

No Novo Testamento, há uma passagem em que Jesus foi questionado sobre o pagamento de impostos dos judeus para os romanos e retrucou com a seguinte afirmação: “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”. Isto se tornou um marco quando se referem à separação entre a igreja e o Estado.

Quando o assunto da conversa é a laicidade do Estado – uma de suas principais bandeiras como político – o coração de Edmar começa a bater mais forte. É nítido o quanto esse assunto toca na ferida dele. Escolas impondo uma reza do Pai Nosso, saudações a alguma divindade quando o prefeito inaugura algum novo prédio, frases religiosas nas cédulas de dinheiro, tudo isso e mais um pouco é considerado um ultraje por Edmar.

Se existe algo que é considerado inaceitável para ele é o fato de os religiosos possuírem privilégio para assumir alguns cargos públicos, e também os capelães no Exército Brasileiro (para aqueles que não sabem, o capelão é um ministro religioso autorizado a prestar assistência e a realizar cultos em comunidades religiosas, conventos, colégios, universidades, hospitais, presídios e outras corporações militares).

– São pessoas que recebem dinheiro proveniente dos impostos para atuar em organismo do Estado, prestando assistência e realizando missas na corporação. Um dos meus projetos é ingressar na carreira política como deputado federal para tentar mudar essas coisas – conta.

Edmar já concorreu uma vez como vereador e também como deputado federal, contudo os recursos chegaram tarde demais, impossibilitando boa parte do andamento da campanha. Quando se candidatou pela primeira vez, só revelou que era ateu quando sua candidatura foi confirmada pelo partido.

As suas principais propostas eram o fim da isenção de impostos para as igrejas, a retirada de símbolos religiosos de repartições públicas, o fim da chamada doutrinação religiosa infantil e o aumento do rigor da lei do silêncio para combater o barulho excessivo das igrejas.

Para Edmar, há um caminho bem tortuoso a ser trilhado para que exista na prática um Estado que valorize a crença e a não crença. Na opinião dele, o Brasil poderia seguir o exemplo do Equador, já que, quando se trata de laicidade do Estado, aquele país pode ser considerado um exemplo. Segundo ele, lá não há imagens religiosas em lugares públicos. Também não se vê saudações a divindades nas cédulas de dinheiro ou privilégios para religiosos em cargos, nem capelas nas corporações das forças armadas.

Além da política, mantém firme o ideal de que o que é capaz de melhorar a vida de um indivíduo através dos estudos. Por isso, Edmar é professor de pós-graduação, no programa de educação continuada para a maturidade na Universidade Paulista (UNIP) de Alphaville e também, como professor auxiliar de pós-graduação na Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS).

Uma das características mais marcantes de sua personalidade é a busca por inovação e o gosto por tecnologia. Gosta de estar conectado a tudo o que acontece no mundo. É uma pessoa empreendedora e procura estimular o processo criativo de jovens e adultos através de algumas palestras que ministra. Considera-se um profissional multifacetado e já conquistou muitos prêmios em alguns trabalhos publicados no âmbito da iniciativa privada e no setor governamental.

O ateísmo fez com que ele se conhecesse com mais profundidade e planejasse melhor sua vida e o que deveria fazer. Mudando a vida de Edmar de tal forma, que conseguiu até mesmo ir além das suas próprias expectativas.

– O ateísmo me fez mais forte! – declara com convicção.

No entanto, a preocupação de se fazer compreendido é grande.

– Para mim, o fato de não ter essa ilusão... Opa, não vou falar assim porque não quero que você me interprete mal – diz.

Mas para ele, o fato de não ter a sensação de que devemos ter um além para nos confortar ou ajudar o levou para frente. Gosta de reforçar que o ateísmo é capaz de mudar a vida de qualquer indivíduo, pois torna as pessoas mais fortes, curiosas, observadoras, abertas para o conhecimento. Torna as pessoas mais respeitadas em relação ao próximo, e as ensina a dar mais valor à vida.

Edmar compreende que a religião valoriza a morte e o ateísmo incentiva os indivíduos a valorizarem mais a vida.

– Não é à toa que o símbolo do cristianismo é um crucifixo. O ateísmo é vida e alegria, torna as pessoas plenas – enfatiza.

Edmar encara a não religião como algo que torna as pessoas mais felizes e também como um impulso que auxilia as pessoas a enxergarem e a desabrochar todo o potencial que possuem. O ateísmo faz com que todos entendam que a vida é o aqui e agora e que temos que fazer o melhor que pudermos, pois há uma única oportunidade para alcançar a felicidade, e tornar as pessoas que amamos mais felizes e realizar seus planos.

Para Edmar, o ateísmo é o motor da vida e seu intuito, enquanto político, é ajudar a esclarecer isso a sociedade. Além das principais propostas de Edmar que rodeiam o campo religioso, há algumas relacionadas a todos os indivíduos. São elas: o combate a todas as formas de preconceito e discriminação, colocar a ciência e educação como prioridade total no orçamento público e, por fim, a legalização do aborto.

Em julho de 2010, o apresentador do programa Brasil Urgente, da TV Bandeirantes, José Luiz Datena, declarou aos espectadores que, caso não compartilhassem da mesma fé que ele, não seria mais necessário que assistissem ao programa. Este é um dos episódios que causa aversão a Edmar, e o fortalece para atuação na militância atea no campo político. Edmar acredita que a religião prega um falso moralismo e regras que não têm nada a ver com a vida, por isso, como político, gostaria também de trazer conscientização a todos. Nesse sentido, procura mostrar que os ateus não são um monstro de sete cabeças, e que estão apenas buscando visibilidade e respeito.

## **UM POUCO MAIS SOBRE A CAMPANHA**

Um dos principais pontos da campanha de Edmar se assemelha muito ao que é considerado por ele como um princípio do ateísmo, que é a valorização e o respeito ao espaço do outro.

Ao falar de sua campanha, Edmar deixa claro que foi um trabalho bem árduo, e cita os dizeres do filósofo alemão, Friedrich Nietzsche.

– Assim como Nietzsche – que escreveu vários livros no século

XIX e dizia que os leitores dele ainda não tinham nascido – eu também digo que meus eleitores ainda não nasceram, pois é muito difícil um ateu declarado ser eleito – diz.

Na verdade, na primeira vez que apareceu como candidato, a preocupação de Edmar não estava em ser eleito, mas em levantar uma bandeira, gerando o debate e mostrando que existem candidatos que são declaradamente ateus. Em uma pesquisa encomendada ao CNT/Sensus, pela revista VEJA, apenas 13% dos brasileiros declaram que votariam em ateu para a Presidência da República, Edmar encara esse fato como uma grande discriminação e também falta de conhecimento sobre quem são os ateus. Ele acredita que a curiosidade trazida pelo ateísmo, pode fazer com que o âmbito científico do país passe por um grande avanço, não é à toa que esse é um dos pontos defendidos com ousadia e intrepidez pelo candidato.

Assim como na sua vida, durante a campanha, mesmo com as dificuldades, não rezou e também não sentiu falta disso. Apegou-se a ele mesmo para enfrentar os empecilhos, já que acredita que todo controle está na mão do ser humano. Para ele, as tragédias ou problemas devem ser encarados com calma e naturalidade.

– Eu sempre tive muito medo das coisas, mas sempre fui em frente. Aprendi uma técnica: o mais difícil é você dar o primeiro passo seja em qualquer momento – explica.

Perante qualquer dificuldade, deve-se tomar uma iniciativa, e quando isso ocorre tudo flui. Nos primeiros momentos da campanha foram assim, mesmo com a falta de recurso, Edmar se manteve em movimento para concluí-la. Não se vê confortável ao entrar em contato com discussões teológicas. Acredita que elas devem ser resolvidas por quem possui alguma crença. Sua personalidade está bastante voltada à prática e não a ficar só na teoria, por isso prefere nem perder tempo se envolvendo nessas discussões.

Desde pequeno, Edmar possuía habilidade e gostava de escrever. Essa foi uma das formas que utilizou para disseminar o que acreditava. Por ser uma pessoa questionadora, quando vê algo que não concorda, além de

questionar pessoalmente, utiliza suas redes sociais. Edmar considera que a mudança é algo extremamente necessário, já que parece que o país está engessado em certos momentos pelos limites impostos pela religião.

Para ele, a participação dos jovens ateus na política devia ser mais ativa. Defende que eles são a esperança de um país que muitas vezes parece estar com um cabresto e resistente a mudanças.

– A militância ateuista devia começar desde um simples não a uma reza na escola, até o envolvimento desses jovens com causas sociais. Os que podem salvar o Brasil da perdição, são aqueles que não têm medo de colocar a cara a tapa – diz.

Ele acredita que para um país possa ser transformado, deve-se abdicar de fundamentos muitas vezes antiquados, como o pregado pelos religiosos. Os jovens dessa época estão perdendo o medo de questionar e estão fazendo isto com mais veemência.

A campanha de Edmar também serviu como incentivo para que o movimento ateuista ganhasse visibilidade e força. Ele compara o momento que o Brasil está vivendo – com o governo de Jair Bolsonaro, que é de extrema direita e tem forte vínculo com a religião evangélica e outros grupos religiosos conservadores – como uma nova Idade das Trevas e acredita que pode ser um dos que livraria o país desta situação. Durante sua campanha, Edmar declarava que o Brasil não podia ficar mais à espera de um milagre, que necessitava de auxílio imediato da parte dos políticos.

Ao longo do período eleitoral, foi vítima de inúmeras ameaças. Algumas dizendo que ele levaria uma surra, que seria enquadrado e preso pelo governo Bolsonaro. Tudo isso apenas por se declarar abertamente como ateu.

Edmar acredita que talvez o país precise passar por isso, para que acorde e perceba os riscos de se misturar religião e política e a eminente necessidade dessa separação. Na sua opinião, a política brasileira vem sendo encarada como o clássico Fla x Flu, isto é, um jogo de futebol onde os participantes são dois times – ou melhor partidos – que são considerados como grandes por seus torcedores. Essa questão, a

seu ver, simplesmente leva à falta de ímpeto em buscar medidas novas para a transformação da sociedade. Travando o país e favorecendo sempre os mesmos candidatos e partidos.

Nas eleições de 2018, Edmar recebeu 1.795 votos. Ele enxerga sua candidatura com um caráter didático, com o intuito principal de levantar a temática da laicidade do Estado e da isenção de impostos das igrejas. Edmar queria, na verdade, fazer com que essas questões fossem colocadas em pauta.

O político tem bastante apreço por empreender e tem isso como uma das bandeiras de campanha. Acredita que o incentivo a novas e pequenas empresas pode ser um estímulo para a economia voltar a crescer. Outra proposta dele que chama bastante a atenção é o fim do comércio da fé nas concessões públicas de Rádio e TV.

Para ele, que o que falta para que ateus comecem a ter parte na política, é que a representatividade seja vista como fundamental e não como uma brincadeira. Ele vê como necessário uma quebra de paradigma e acredita que isso se dará com o envolvimento de não religiosos declarados no Congresso. Um dos maiores desejos de Edmar é que as pessoas se levantem e ajam concretamente em favor do Estado Laico, já que isso é um direito de todos.

Sua campanha também foi baseada em acabar com uma visão distorcida em relação aos ateus, por isso fez questão de se declarar como político ateu. A disseminação de discursos de ódio dificulta ainda mais a candidatura de um não religioso, já que muitas vezes, as pessoas são treinadas a crer sem questionar e confiam em tudo o que ouvem do seu líder espiritual. E o não religioso é geralmente mostrado como alguém que não se importa com o próximo e que, por não crer em Deus, está no mundo simplesmente de passagem, que não tem capacidade para fazer algo importante.

Ele tem bastante apreço pela tecnologia e por isso a internet foi o principal meio que utilizou para veicular sua campanha, através de vídeos e posts em suas redes sociais. Escancarou declarações que, para muitos, são difíceis de engolir.

Pode-se citar como exemplo, várias notas de repúdio a placas que ficam nas entradas de cidades com os dizeres: “Essa cidade pertence a Jesus Cristo” ou “Jesus Cristo é o Senhor desta cidade”. Estes atos inflamavam ainda mais a luta de Edmar.

W Já fui candidato a vereador, mas não gostei. Ser vereador realmente não é para mim, eu busco algo maior – diz.

Ele pretende se candidatar novamente nas eleições de 2022, mas dessa vez, acredita que virá com mais força. O empenho de Edmar se dará não apenas na veiculação de seus ideais como candidato, mas na captação de recursos para que não ocorra como em sua primeira campanha. O objetivo não é mais o de simplesmente conscientizar ou informar os eleitores, mas de realmente chegar à vitória.

## **ALÉM DA POLÍTICA**

Para Edmar, a palavra que pautou sua vida e tem muita importância até os dias de hoje é: “resiliência”, pois, depois de tudo que passou na vida, ele permaneceu firme em seu propósito.

– Não podemos passar a vida toda assistindo à vida dos artistas, BBB’s e de outras pessoas. Lute e conquiste o que você tanto almeja. Você tem que viver, porque na verdade o mundo não quer que você viva. O mundo quer te amarrar e impor limites – declara.

Edmar crê que cada um deve olhar para dentro de si e viver a vida da maneira que julgar melhor, pois a ideologia que é pregada hoje é que você deve ser apenas uma ovelha, que simplesmente segue a um comando. Ao ser questionado como gostaria de ser lembrado, exclama:

– Realmente, é uma pergunta difícil, eu não sei como gostaria de ser lembrado!

Após um tempo pensando, chega a uma conclusão:

– Eu não preciso imaginar como eu gostaria de ser lembrado, porque tenho certeza de que vou ser lembrado como o pai amoroso que eu sou.

Após isso, Edmar se dá por satisfeito com tudo o que falou e se despede.

“Estou longe de conhecer o ateísmo na condição de resultado, menos ainda como conhecimento: em mim ele é compreensível na qualidade de instinto”  
(Friedrich Nietzsche)





“O problema do mundo é que tolos e fanáticos estão sempre cheios de convicção, enquanto os sábios estão sempre cheios de dúvidas”

(Bertrand Russell)